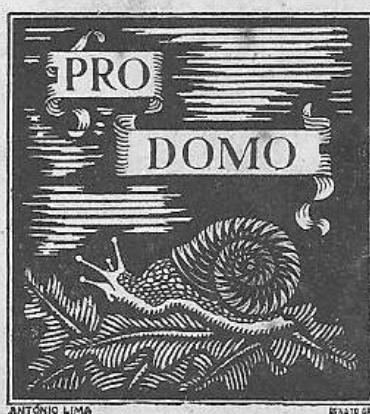


C U L T U R A P O L Í T I C A

MADRUGADA DO ESPIRITO

POR

PLÍNIO SALGADO



ANTÓNIO LIMA

SENATO GR.

P R O D O M O — L I S B O A

PLÍNIO SALGADO

E A CRÍTICA A-PROPÓSITO DA «VIDA DE JESUS»

«... o Messias Eterno na linguagem fresca do momento que passa»

PEQUITO REBELLO

«É um testemunho irrecusável da sua fé, que se não encerra na area do seu peito, mas se alarga com a imensa dôr humana».

JOAQUIM MANSO

«... um livro que Linares Rivas poderia dizer *«escrito con la sangre del alma»*...

JOÃO AMEAL

«... A língua portuguesa não possuía uma história de Jesus digna dos grandes escritores que apresentaram o Salvador à atenção das gentes em aparato literário ou histórico de grande porte».

.....
«A língua portuguesa devia ter uma obra original sua sobre a vida de Jesus. Deu-no-la um escritor brasileiro ilustre, Plínio Salgado»

.....
«numa linguagem vernácula e apurada, da melhor estirpe lusitana...».

CORREIA MARQUES

«Uma obra em prosa escrita por um poeta».

ALFREDO GUIADO

«... grande documento humano : uma soma de todas as experiências e dores de um homem que conhece a vida tumultuosa de acção : a vida política».

JOÃO GASPASIMÕES

«... o nosso espírito sai dela com todo o benefício de um repouso de alma e de uma evasão bem necessária hoje em dia».

ARMANDO FERREIRA

«... estilo másculo de combate».

TOMÁS DE FIGUEIREDO

CULTURA POLÍTICA

11

Do Victor

a

MADRUGADA DO ESPÍRITO

livro inspirado do
grande católico Plínio
Estêvão salgado injustiçado
e esquecido.

Abraço

Pinto Emendo

OBRAS DO AUTOR:

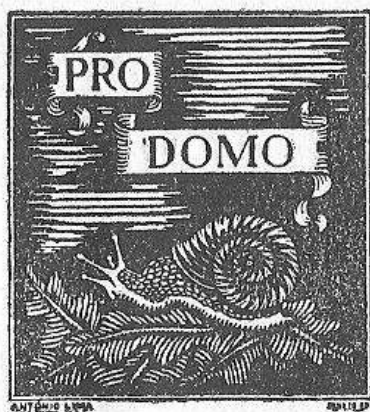
- O estrangeiro* (romance), 4.^a ed. José Olímpio — Rio.
O esperado (romance), 3.^a ed. José Olímpio — Rio.
O cavaleiro de Itararé (romance), 3.^a ed. José Olímpio.
A voz do Oeste (romance), 3.^a ed. José Olímpio — Rio.
Psicologia da Revolução (filosofia política), 3.^a ed. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
O que é o integralismo (doutrina política), 4.^a ed. da Editora Star — Rio de Janeiro.
O sofrimento universal (sociologia e moral), 4.^a ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
A quarta humanidade (conferências filosóficas), 4.^a ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
Geografia sentimental (evocações e viagens), 3.^a ed. da Liv. José Olímpio — Ed. Rio de Janeiro.
Palavra nova dos tempos novos (jornalismo), 3.^a ed. da Editorial Panorama — São Paulo.
Despertemos a nação (jornalismo), ed. da Liv. José Olímpio Editora — Rio de Janeiro.
Nosso Brasil (literatura infantil), 2.^a ed. da Liv. Coelho Branco — Rio de Janeiro.
Discursos às estrelas (crônicas literárias), ed. única da Ed. Hélios, Lda. — São Paulo.
Oriente (viagens pelo Mediterrâneo oriental), ed. única da Paulista Editora — São Paulo.
A doutrina do sigma, 2.^a ed. Schmidt — Rio.
Páginas de combate (jornalismo), ed. Antunes — Rio.
Cartas aos camisas-verdes, ed. Olímpio — Rio.
A anta e o currupira (conferência), ed. Hélios — S. Paulo.
O currupira e o carão (crítica literária, em colaboração com Menoti del Pichia e Cassiano Ricardo), ed. da Hélios, Lda. — São Paulo.
O homem do Brasil (etnografia e sociologia), ed. da Legião Brasileira — de Ribeirão Preto.
O poema da fortaleza Santa Cruz (versos), edições particulares em São Paulo, Rio de Janeiro e Baía.
A vida de Jesus, 2.^a ed. (10.^o milhar) da Editorial Panorama — São Paulo; 3.^a ed. da Editorial Ática — Lisboa, 1944.
A aliança do sim e do não, 2.^a ed. Ed. Ultramar — Lisboa.
O Rei dos Reis e mensagens ao mundo Lusíada, Pro Domo — Lisboa, 1945.
A Mulher no Século XX, Tavares Martins — Porto, 1946.
Como nasceram as cidades brasileiras, Ática — Lisboa, 1946.
Madrugada do Espírito, Pro Domo — Lisboa, 1946.

EM PREPARAÇÃO:

Conceito Cristão de Democracia.

PLÍNIO SALGADO

MADRUGADA DO ESPÍRITO



LISBOA — MCMXLVI

Reservados todos os direitos

O AUTOR AO PUBLICO

A Editorial «Pro Domo» quis dar a conhecer ao Público Português como se processou a evolução do meu espírito, até chegar à síntese de toda a minha obra, que é a «Vida de Jesus».

Para isso, resolveu organizar uma espécie de antologia dos meus escritos, a partir do tempo em que principiei a tratar dos problemas sociais, políticos e culturais que afligem a humanidade de hoje.

É certo que, desde os meus primeiros livros, manifestei ansiosa inquietação. Eram romances, pois principiei a vida de escritor como romancista. Mas numa obra da natureza desta não caberiam páginas de ficção, as quais, isoladas, não dariam ideia exacta do conjunto, nem sob o aspecto artístico, nem sob o do pensamento.

Cumpria escolher os escritos de pequena extensão, cujo todo pudesse estampar-se na íntegra, formando peças completas.

Fui, então, aos meus escritos de 1931 publicados naquele ano no jornal «A Razão» de São Paulo, uma parte dos quais se reuniu em volume intitulado «O so-

frimento universal»; às conferências por mim pronunciadas nas Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife (1932 e 1933) e saídas a lume no livro «A quarta Humanidade», em 1934; aos meus artigos no jornal «A Ofensiva», do Rio de Janeiro, em 1934, 1935, 1936 e 1937, e reunidos nos livros «Palavra Nova dos Tempos Novos» (1935), «Doutrina do Sigma» (1936) e «Páginas de combate» (1937).

*
* *

De cada um desses livros, escolhi o que me pareceu mais expressivo do meu pensamento, o qual (como afirmei em solene discurso quando em importante assembleia fui saudado no Rio pelo saudoso professor Dr. Lúcio dos Santos, grande leader do laicato católico de Minas Gerais) é um pensamento que «vem do Cristo e vai para o Cristo».

A exposição das minhas idéias foi ganhando nitidez e clareza à medida que o tempo ia correndo e os meus livros iam saindo, até que consegui escrever a obra dos meus sonhos, a mais completa e definitiva, que é a «Vida de Jesus». Também a minha vida interior foi, pouco a pouco, clarificando-se, mas essa é uma história tão íntima que só Aquele por Quem sou e escrevo a sabe inteiramente e melhor do que eu.

*

*

*

Cheguei, assim, à plenitude das minhas aspirações, porque vejo agora aberto, evidente, convidativo, o Caminho, o único Caminho. Vejo-o, porque brilha no céu da minha vida o Sol Verdadeiro, o Salvador do Mundo, a Quem peço humildemente que nunca deixe de brilhar aos meus olhos indignos dEle, mas confiantes na sua Infinita Bondade.

Como chamarei, portanto, a uma colecção de escritos meus do tempo em que a Luz do Divino Sol já se me anunciava, acendendo nos horizontes do meu Futuro os clarões da Esperança?

Chamá-la-ei «Madrugada do Espírito».

Madrugada que me anunciava e prometia, e finalmente me trouxe, o desejado, o ardentemente procurado Sol que vivifica as almas.

Lisboa, 3 de Agosto de 1946.

Plínio Salgado

O MUNDO QUE PREPARA
A CATASTROFE

(1931)

A que misterioso ritmo obedece esse estranho rumor, a princípio vago e indistinto, já agora nítido e altissonante, que perpassa pela superfície da terra, dando a volta ao seu meridiano?

Que sentido profundo traz essa agitação geral dos povos, a tragédia surda dos espíritos, a angústia dos oprimidos e o sobressalto dos opressores?

As cidades cresceram para os céus. Os mares coalharam-se de naves de aço. O homem percorre a amplidão com asas de águia. A terra multiplicou as suas messes, as indústrias multiplicaram os seus benefícios. Todos os confortos imagináveis se tornaram realidades banais. Todos os sonhos de beleza e de magnificência foram ultrapassados. E nunca o homem dominou mais os elementos, nunca imperou melhor sobre a natureza.

Rufam os motores dos aviões; gritam locomotivas; fonfonam os automóveis; uivam as sereias

PLÍNIO SALGADO

das fábricas; estrondam as usinas; magem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam os rádios... É a sinfonia planetária...

O ESPLENDOR DO HOMEM

Todas as ambicionadas farturas a que a Antiguidade poderia ter aspirado centuplicaram-se de uma maneira assombrosa.

Os celeiros do velho Faraó, refertos para socorrer as populações do Egipto, durante os sete anos de penúria, são ridículos em face dos «stocks» internacionais de trigo, de vinho, de café, de todas as mercadorias, capazes de abastecer duas vezes a Terra ⁽¹⁾.

O oiro de todos os impérios antigos não se compara ao oiro que a Civilização carregou para as arcas dos Bancos, dos recessos da América Meridional, das entranhas do Alaska e dos Estados Unidos, do sub-solo da Ásia e da África.

A força dos animais e dos escravos, que arrastava colunas monolíticas e impelia no mar os

⁽¹⁾ Escrevia-se no tempo da grande superprodução, em 1931.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

quinhentos remos das galeras romanas, é hoje uma minúscula energia de formigas, comparada à potência das locomotivas e dos transatlânticos, ou dos dínamos propulsores das usinas.

A rapidez de raio das quadrigas do corso, não passa de um lerdo movimento de caranguejos, em proporção à velocidade da canção do Broadway, que se escuta no mesmo instante, no orbe inteiro, ou da luz com que Marconi ilumina do seu iate, em Génova, a cidade antípoda de Sidney, na Austrália.

As máquinas produzem por milhares de homens. A Civilização esplende nas suas grandes Metrópoles. Nunca a humanidade foi tão rica, nunca o género humano conheceu maior fartura.

A própria terra, rejuvenescida pelos adubos químicos, revolvida pelos tractores, plantada com nova e milagrosa técnica, decuplica o volume das suas safras, mãe carinhosa dos homens transformada em escrava da sua indústria.

O BONECO DE CARNE

E, entretanto, nunca houve desespero maior, nunca o ser humano mergulhou em confusão tão grande, tão desnorteadora.

PLÍNIO SALGADO

Nas modernas babilónias, cresce a legião dos desocupados; os vagabundos disputam um pedaço de pão; há criaturas sem teto, que dormem ao relento, ou na promiscuidade dos albergues; e o próprio trabalho já não é um prazer, mas um triste manobrar de manivelas e de alavancas, onde toda a iniciativa do Espírito desapareceu.

Outrora, o trabalho tinha qualquer coisa de fino, de subtil, feito de amor e de entusiasmo, de esperança e de alegria íntima, criadora; e, agora, o homem sente-se, cada vez mais, submetido a um ritmo mecânico, que o vai transformando, dia a dia, numa peça do maquinismo da Produção.

Não amando mais o trabalho (e só se ama aquilo onde se realiza a fusão do Espírito com as necessidades da matéria); vendo a «arte» ser substituída pela «técnica»; a feição individual do artefacto anulada pela feição uniforme da produção em série; a tendência das vocações contrariada pelas possibilidades das colocações, — o homem moderno vai-se tornando um autómato, um boneco de carne e osso, que será possivelmente substituído por um outro boneco de aço e ferro, quando o barateamento do custo da produção e a

MADRUGADA DO ESPÍRITO

racionalização do trabalho, levada aos extremos que a técnica sugere, determinar que assim seja.

O ANIMAL DO «OITAVO DIA»

A máquina moderna, criação do homem, para produzir confortos ao homem, torna-se uma concorrente deste.

Vede um tear, uma linotipo, uma rotativa, um motor, um calculador mecânico. Que estranhos seres! Parece que pensam, que raciocinam, que respondem numa linguagem que não é de palavras, mas de acção.

A máquina é um ente que tem, sobre o homem, a vantagem de não fazer greves, de não ter coração para amar nem boca para falar. E, em se tratando de mercadorias similares (e tão similares que a Economia Clássica os submete às mesmas leis da *oferta* e da *procura*), é sempre preferível a que importunar menos e produzir mais, melhor e mais barato.

Nestas condições, o monstro de aço conquistou, mais do que a igualdade, — a superioridade social sobre o homem.

A máquina não tem pais nem gera filhos; não

PLÍNIO SALGADO

vibra de afectos; não alimenta aspirações; não cultiva moralidades. É, portanto, muito mais conveniente ao capitalismo universal.

E é por isso que esse capitalismo quer arrancar do homem os últimos resíduos espirituais, para que a massa proletária se transforme também num sistema de maquinismo...

O monstro de aço! Quando ele trabalha, as suas rodas dentadas, as suas engrenagens, as suas serras parecem rir da criatura de Deus. E os apitos das fábricas parecem um grito dominador dizendo ao homem, quando rompe a aurora: «levanta-te, peça de máquina!»

Esse grito domina o panorama das cidades tentaculares, onde o homem sofre, esmagado pela própria civilização que ele criou.

HUMANIDADE MECÂNICA

O instinto da máquina vai avassalando tudo.

A mecanização do homem começa nos arranha-céus de apartamentos.

É olhar uma casa e ver todas. Submetidas à mesma planta, à mesma fisionomia, elas impõem a cada ser humano um ritmo idêntico de movi-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

mentos, anulando a personalidade, para que triunfe a colectividade. Pois é sobre a colectividade que a máquina domina mais soberanamente. E ela exige que se modelem colectividades perfectas, de movimentos automáticos, colectividades de formas geométricas precisas e cadências uniformes.

Essas colectividades devem cristalizar-se nos fornos de todas as compressões, de todas as angústias, que irão obrigando cada tipo isolado a acomodar-se ao grande ritmo dos tipos comuns, cuja finalidade é o próprio ritmo, cujo sentido é a mecanização total da existência.

A redução ao inanimado. A racionalização desracionalizante. O homem-tipo, como a máquina-tipo. O trabalho mercadoria, como o kilowatt-hora. O índice de calorias dos combustíveis. O trabalho como finalidade do trabalho. A morte total do espírito.

A BESTA DO APOCALIPSE

Todo esse inferno contemporâneo é presidido pela soma do trabalho acumulado pelos latrocínios, na tradução metálica das barras de ouro e na

PLÍNIO SALGADO

versão social do papel moeda, concentrados nas mãos de poucos. É o Capital.

Tudo gira em torno desse ídolo muito mais terrível do que o Moloch de Cartago, que exigia menor número de vítimas para as suas entranhas de fogo.

*

*

*

Por que sofre tanto a humanidade?

É o Capital, que marcha para a sua feição mais simples; que ensaia a sua tirania na forma dos grandes *trusts*, dos monopólios, dos grupos financeiros, das organizações bancárias, e se dirige para o capitalismo do Estado, numa velocidade cada vez maior e mais enervadora.

É a besta apocalíptica.

Ela, que se assenhoreou do poder dos reis e dos impérios; que proclamou a sua tirania sobre todas as nações, sobre todos os grupos sociais e sobre todos os homens.

É o espírito da mentira e da crueldade. O dragão que devora os povos.

Ergueu-se, na face da terra, para enfrentar e negar Deus, como negou pela vez primeira

MADRUGADA DO ESPÍRITO

quando rolou para as trevas eternas; que se levantou para esmagar o Homem, arrastando-o a todas as abjecções, para finalmente lhe arrancar o coração e deixar-lhe, apenas, os movimentos mecânicos da máquina.

CONDENADOS E OPRIMIDOS

Cresce, por todo o Universo, o estranho rumor.

É o clamor do Homem que sofre, nas colónias remotas da Ásia e da África; na estepe da Sibéria, nos Urais e no Cáucaso; nas entranhas do Ruhr ou de Cardiff; nas profundezas das minas de diamantes do Transval, das cavernas de ouro do Morro Velho; nos sertões do Brasil, nas salitreiras do Chile, nas galés das Guianas, nos bairros proletários das grandes metrópoles resplandecentes como Babilónias multiplicadas, por toda a superfície do planeta, e nos porões dos transatlânticos e das naves de guerra, armadas para os morticínios...

É o gemido do Homem, que já não tem trabalho porque a máquina o expulsou das fábricas; que não tem pão, porque na fartura imensa, já

PLÍNIO SALGADO

não há necessidade do esforço do pária, e as leis vigorantes determinam que se tome a mercadoria-trabalho quando se precise, e se deixe morrer o trabalhador, quando não se necessitar dele.

O ÚTERO METÁLICO DA MÁQUINA

O Homem, vencido pela máquina pensa, então, em criar o regime político que agrade à máquina.

De há muito que a Democracia renegou os governos éticos, cencebendo o Poder como uma expressão do «Homem Cívico», portanto, do Homem mutilado, do Homem sem alma.

De há muito que se desprezou a Metafísica...

Mas o Homem hoje volta-se para uma forma imprevista de teocracia. Quer ser governado pelos Sumos Sacerdotes do Ateísmo. Aceita a grande razão da técnica e do capital. Aceita desaparecer como gota de água no oceano do colectivismo, onde toda a personalidade se destrói.

É a mais moderna expressão mística.

O misticismo que nega uma face da metafísica, para proclamar o valor da outra face.

E que subordina o Homem a uma divindade infernal, que não se funda no amor, mas na au-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

sência do amor. E nega ao Homem o direito de se interessar pelas outras criaturas, pois só deve cogitar de si.

De si, não como personalidade, e sim como fracção de um grande Todo.

O Homem renega o amor, para aceitar o egoísmo.

O amor impunha-lhe deveres; o egoísmo subordina-o à escravidão dos instintos.

A vida do instinto é o primeiro passo para a transformação do ser humano em máquina.

Essa transformação é dolorosa, porque o espírito reage.

O Homem inventou a máquina. A máquina, agora, quer fabricar homens. E se um dia saírem homens do ventre das usinas, também os úteros das mulheres gerarão homens-máquinas, sem coração, sem afecto, meros aparelhos de produção...

FALA ALGUÉM NA TORMENTA

Infinita é a angústia do espírito. Por todo o planeta, perpassa um misterioso rumor...

Que estranhas vozes falam no rumor da procela?

PLÍNIO SALGADO

E no rumor da procela, há vozes, há algumas vozes que falam...

Só as escutam os que conservam a consciência da grandeza humana.

Só as entendem os que trazem consigo a fortaleza do Espírito Perene e a permanência das secretas energias indestrutíveis...

O OUTRO LADO DO ESPÍRITO
(1931)

A Rússia vai erguer a mais alta estátua do Mundo ⁽¹⁾.

É a estátua de Lenine.

Medirá oitenta metros de altura.

Dominará a cidade e o porto; olhará sobre a terra e sobre o mar.

De agora em diante, a Humanidade terá, à esquerda da estátua da Liberdade, que ilumina com o seu farol o porto de Nova York, o grande ídolo do regime vermelho. Como terá, à direita, na jovem terra do Brasil, a imagem ciclópica de Cristo.

*

* *

No rumor internacional do Broadway, junto dos arranha-céus de Manhattan, as massas inquie-

(1) O presente capítulo é o comentário a um telegrama que as agências divulgaram em 1931.

PLÍNIO SALGADO

tas, na preocupação dos seus negócios, passarão indiferentes. Os passageiros dos «tramways», dos aviões, dos navios, olharão displicentes para a estátua da vaga mulher que representa uma vaga idealidade.

As multidões de Leninegrado e do Rio de Janeiro, essas não poderão contemplar friamente as gigantescas figuras que a sua fé construiu com granito e amor.

São duas religiões. São duas crenças. São duas místicas. Duas concepções da existência: Cristo e Lenine.

O «Sim» e o «Não».

Em última análise, a mesma coisa. O mesmo elemento imponderável e misterioso de uma irrevogável permanência no recesso do ser humano.

Essa coisa que nega quando afirma, e afirma quando nega.

Essa vibração subtil, feita de incompreensíveis correspondências íntimas entre dois absolutos que, à falta de melhor expressão, nós denominamos «as religiões», como poderíamos denominar «o diálogo sem linguagem», o «retorno ao equilíbrio do «ser», a «aspiração integral», ou a «fuga dos contingentes».

MADRUGADA DO ESPÍRITO

*

*

*

A estátua de Lenine é a adoração das massas em torno do grande ídolo que, longe de ter uma significação negativista, exprime, através da sublimação política, a cristalização do fenómeno religioso sob a compressão do dogmatismo científico.

O fenómeno russo já não pode ser tomado, em hipótese alguma, como uma expressão de negação do espírito, de aspirações transcendentais.

A luta que se abriu no país dos soviets contra todas as religiões foi um movimento ao qual podemos denominar sem receio de erro: *o grande movimento religioso da Rússia.*

*

*

*

Em matemática equivalem-se o sinal *mais* e o sinal *menos*.

Ambos consideram quantidades *em possibilidade*, o que representa, afinal, quantidades em afirmação.

PLÍNIO SALGADO

Na concepção infinita do Universo, cabem todas as extensões e todos os tempos, susceptíveis de serem ideados, quer em adição, quer em subtracção.

E, por isso, a afirmação e a negação encontram-se e fundem-se numa só fisionomia interior.

Ambas se traduzem pelos mesmos processos.

Nega, na verdade, apenas o que não pensa, o que não considera, o que se desinteressa pela concepção do Mundo e pela finalidade da existência.

Negam os que só cogitam do empírico, do positivo.

Esses é que constituem, na forma aparente das suas actividades pragmáticas, os legítimos representantes do materialismo.

O facto do agnosticismo tomar o homem e a sociedade apenas do ponto de vista utilitário, identifica-o com a única forma possível de negação, que é a forma anestésica do esquecimento.

O Estado Marxista, partindo do materialismo histórico, em oposição ao espiritualismo, sistematiza de tal forma e tão corajosamente a *negação* que esta se torna *afirmativa*.

Considerar é afirmar.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Negar é considerar.

O comunismo nega o espírito.

Por conseguinte, considera; portanto, afirma.

Eis a serpente mordendo a própria cauda: símbolo em que a sabedoria milenária das civilizações exprimiu os movimentos eternos, a eterna dialéctica, o problema do *ser* e do *não ser*, que, em última análise, significam a mesma coisa.

*

* *

Cumprê, porém, estudar o fenómeno russo na sua realidade objectiva, pois nas linhas acima temos estudado o aspecto subjectivo da evolução filosófica do materialismo, do cientifismo materialista.

Na Rússia, o marxismo pôde acelerar espantosamente a marcha para o misticismo materialista, em consequência da feição nacional extrema da política soviética.

Essa feição nacionalista indispensável à táctica da economia russa, foi estruturada por velhos sentimentos e pela profunda índole racial daqueles ímpetos da alma eslavo-semítica criadores do fana-

PLÍNIO SALGADO

tismo da dinamite, a suprema aspiração dos niilistas, com o grave ritual das conspirações tenebrosas e do luminoso sacrifício dos heróis.

Esse misticismo, que encheu a «Santa Rússia» de gestos alucinados e coros de preces e de salmos; que fez as multidões delirar quando falava Dostoievski, ou ranger os dentes ao estrupido dos cavalos dos cossacos.

Todos os sacrifícios e todas as abnegações. A Sibéria, o Cáucaso, os duendes das prisões subterrâneas, os prantos abafados, a marcha pesada dos escravos do Volga, o fatalismo de todos os vagabundos e a esperança de todos os messiânicos...

*

*

*

A febre mística da Rússia, com suas superstições, seu espírito de martírio, sua ânsia de infinito, tudo isso não podia caber dentro de uma vulgar república democrática, onde os governos e os estadistas se desinteressam pelas causas primárias e finais.

Não; a Rússia não compreenderia nunca um regime representativo, presidencial ou parlamen-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

tar, com liberdades políticas, com remédios simpáticos de sufrágio, com todo o aparato inútil das democracias que não penetram as raízes do Homem. A Rússia compreendeu o Czar e o cossaco, como compreendeu o vento mortal da Sibéria e o urso do Cáucaso. Porque eram o flagelo inexorável, para uma população macerada e sedenta de luz.

E, por isso mesmo, a Rússia compreendeu Lenine, na hora trágica, quando os canhões rugiram e a fome estendeu suas garras sobre as populações aflitas.

Lenine era alguma coisa integral, alguma coisa que falava à Rússia a linguagem que ela sempre entendeu: a do Absoluto.

E, por isso, Wladmir Ulianoff, negador de todas as crenças, tornou-se um símbolo de crença.

*

*

*

Na confusão tremenda, todas as correntes confluíram, remoinharam, projectaram-se de cho-fre. Era a afirmação que se traduziu na forma suprema da negação.

PLÍNIO SALGADO

Os apóstolos do cientifismo materialista, da concepção experimental, a «posteriori», da existência, foram os primeiros a mandar dizer nas escolas: «Lenine está sempre certo».

A estátua colossal que se vai erguer a Lenine vale pelo que significa de captação das energias místicas da grande massa proletária de todas as Rússias.

O Colectivismo ajoelha-se diante do Indivíduo.

Mas não é o Indivíduo em si, antes o espelho de todos os individualismos sublimados. Como não é a imagem da negação: mas a prova concreta de todas as afirmações.

*

*

*

Os deuses falam na voz da tempestade, afirmando o senso místico dos povos.

Nesta hora angustiada do Mundo, a Rússia está ensinado-nos que é preciso crer, seja no que for, mas crer.

Alguma coisa fala pela voz da Rússia.

E é mais fácil a luz vir das trevas do que da indecisão dos crepúsculos vespertinos...

O SÉCULO DO JAZZ-BAND

(1931)

NÓS estamos assistindo à morte do século XIX. Os séculos não são limitados pelo calendário. Interpenetram-se. Enquanto um nasce, outro morre. O século XIX está morrendo em pleno século XX. Basta auscultar o Mundo de hoje, para se sentir que alguma coisa agoniza. Há uma surda tristeza na civilização contemporânea...

São os inadaptados à velocidade e à sinfonia deste glorioso século XX. Esta tristeza está no século XX, mas não lhe pertence. É a angústia do século XIX que se debate contra a morte. Já alguns espíritos descobrem o sentido novo da Alegria e da Força. São os vanguardeiros. O resto da Humanidade é o século XIX, que agoniza...

O Homem nunca foi mais triste do que na Era da Máquina. Essa melancolia manifesta-se nos mínimos pormenores. O Homem sente-se desam-

PLÍNIO SALGADO

bientado. Ninguém está satisfeito com a vida que vive. A vida hoje tornou-se um fardo exasperante. E toda a preocupação da criatura humana é fugir da realidade da existência.

FUGINDO A REALIDADE

Uns fogem nos vapores do alcool; outros nos entorpecentes: a cocaína, a morfina; outros na paixão do jogo; outros no delírio dos esportes de sensação; outros nos excessos dos prazeres sexuais.

A própria música deste começo de século tenta obscurecer os sentidos pelo clamor de seus ritmos bárbaros. O «jazz-band» acorda todas as interjeições selvagens para entorpecer a melodia amargurada que deflui por detrás dos saxofones e dos réco-récos, como um fio de lágrimas que cumpre dissimular.

O espectáculo ruidoso dos grandes «dancings» modernos é feito para tontear, para obscurecer a mente: as luzes coloridas que mesclam as tonalidades cambiantes de todos os crepúsculos, as luzes ofuscantes agressivas, que surgem como relâmpagos e se apagam como meteoros, a bizzarria dos

MADRUGADA DO ESPÍRITO

vestidos, as emanações dos perfumes, que se misturam ao suor e ao álcool, o ritmo letargiante dos tangos lascivos...

Estamos vivendo a era dos hipnóticos de toda a espécie. O hino da Humanidade não é mais a «Marselhesa». É o «jazz». Tem gosto de cocaína e parece a marcha fúnebre do prazer.

HORRORES A VIDA

Esse é o aspecto geral do nosso tempo. Os povos perderam o ritmo da sua marcha, o segredo das suas alegrias.

As grandes Metrópoles criaram céus de cartazes luminosos e já não há tempo para se ver as estrelas.

Os suicídios multiplicam-se. Os médicos propõem a eutanásia. Os eugenistas avançados estudam os homens como simples grãos de feijão, conforme as experiências de Mendel. Os sociólogos e economistas pensam agora, mais fortemente, no malthusianismo. Advoga-se o direito do aborto. E este facto só, é o bastante para provar que a nossa triste Humanidade de hoje não reputa a vida um dom precioso.

PLÍNIO SALGADO

*

*

*

Nunca a vida foi mais execrada.

Nunca o Homem se rebelou tanto contra a Natureza.

E é a essa civilização que se chama «a civilização libertada dos preconceitos», a civilização que criou os movimentos ágeis e livres do Homem, a suprema euforia...

NIETZSCHE E FREUD

A voz de Nietzsche clamava que o cristianismo era triste; que imprimia um sentido deprimente à vida do Homem, quando este deveria ser alegre e forte.

O Cristianismo, porém, produziu Miguel Ângelo; o Anti-Cristianismo apresenta-nos as telas dadaístas, a pintura e a escultura de disformidades e desesperos.

Todo o materialismo do século XIX repetiu esta sentença: «Os preconceitos entristecem a Humanidade! O amor não é livre; o trabalho não

MADRUGADA DO ESPÍRITO

é livre; o génio não é livre; o *homo-sapiens* é um mísero animal amarrado por mil cadeias»!

O género humano estava encarcerado. Cumpria libertá-lo, para que fosse feliz.

Todo o século XIX foi um movimento nesse sentido: arrancar o homem da tristeza do Cristianismo. E Freud (última expressão do século XIX) traz novos subsídios, para demonstrar que a civilização cristã é uma civilização de recalques.

O GOVERNO DESPÓTICO DE SATAN

A guerra contra a disciplina atingiu hoje em dia o seu ápice. O individualismo anárquico dominou completamente a Terra. O capitalismo renegou o Espírito e erigiu todo o seu fundamento na finalidade material do Homem. Os seus processos são científicos. A sua técnica consulta os interesses meramente económicos. A sua moral baseia-se no lucro. O lucro cria direitos tão amplos de propriedade, que esta perde o sentido profundo de atributo do Homem. Impessoaliza-se o possuidor. Chama-se apenas — o Capital.

Crescem as cidades tentaculares. Os arranha-céus galgam as nuvens. As fábricas multiplicam

PLÍNIO SALGADO

as suas chaminés. A máquina expulsa os homens das usinas. O homem morre de fome nas ruas. A fome gera a revolta e o ódio.

O trabalho humano passa a ser uma mercadoria. Perde a sua dignidade. O operário transforma-se num autómato. O capitalista noutro autómato.

Tão absurda civilização vem incrementar toda a sorte de egoísmos.

Tudo se resolve com dinheiro.

Sentimento, afecto, honra, elevação moral, nada valem. «Quanto tendes, quanto vales; nada tendes, nada vales», diz o rifão.

O exibicionismo da riqueza atinge o auge.

A ostentação dos ricos torna-se o insulto permanente dos pobres.

E os pobres, educados na mesma escola, também aninham no seu coração a cólera surda, a inveja, o egoísmo.

É Satan quem governa o Mundo.

O HOMEM JÁ NÃO TEM CORAÇÃO

Nessa pavorosa sociedade, o Homem transforma-se numa máquina cruel.

Já não tem coração.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

A vida íntima desaparece. Ao lar sucede o «club». E nem há profundos afectos no lar, como não há amizades verdadeiras nos «clubs».

Todos giram em torno de interesses. Os homens não se amam: toleram-se, para não tornar completamente insuportável a vida.

Como, entretanto, o individualismo tomou um vulto formidável, os atritos são permanentes. Isso enfada o cavalheiro da sociedade, que é obrigado a manter a sua linha. De sorte que se cria mais uma espécie de recalques, de contrariedades contínuas.

A «MAQUINA DE MORAR»

O Homem Moderno destrói a própria poesia interior do lar doméstico.

A casa é substituída pela «máquina de morar». É o apartamento de arranha-céu, onde todas as «máquinas de habitação» são iguais umas às outras.

A arquitectura moderna é triste como um túmulo.

É um cemitério de vivos.

Pior que os cemitérios. Pois neste existe a

PLÍNIO SALGADO

alegria das casuarinas, a harmonia dos arbustos e das flores.

A vegetação do apartamento é de cactus. Nas tinas e nos vasos, nascem esses fantasmas vegetais. São caules deformados como leprosos. Falta-lhes a harmonia digital das folhas, a carícia amável.

Os cactus dos vasos vermelhos nas estantes geométricas ou nos cubos dos aparadores são engelhados e ríspidos como os sentimentos do coração de uma época sem delicadezas. Põem uma nota de aridez nas fachadas de caixões de cimento armado, que parecem carneiras de necrópoles.

IRRACIONALIDADE DO HOMEM MODERNO

O Homem nada mais vale.

Para o industrial ele é, apenas, a «máquina de consumir»;

para o político, a peça na «máquina do Estado»;

para o arquitecto, o «objecto acondicionável»;

para o psicólogo e o pedagogo, um «barro plástico»;

para o biólogo, uma «espécie animal»;

para o fisiologista e o médico, um «campo de experiências»;

para o filósofo, o «fenómeno da consciência».

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O Homem é a mercadoria mais desvalorizada nos dias de hoje. Ninguém deixa morrer de fome, um cavalo, um boi, um cão de raça, um papagaio, porque valem dinheiro.

Mas, nas mansardas miseráveis, morrem crianças por falta de alimento.



Nunca a posição do Homem foi mais deprimente, mais humilhante, mais ridícula. Explorador, ou explorado, é um miserável. E a isso chama-se a alegria da civilização materialista.

Uma alegria que provoca os suicídios e os entorpecimentos.

SOB O SIGNO DO MEDO E DA TRISTEZA

Há, além de tudo, mais um motivo profundo da tristeza contemporânea: o medo. Tendo-se libertado do que chamava o preconceito religioso o Homem criou o terror do seu próprio semelhante.

PLÍNIO SALGADO

Os governos temem os povos e os povos temem os governos.

Os patrões temem os operários e os operários temem os patrões.

Os capitalistas temem-se uns aos outros. Guerreiam-se os industriais, não porque lhes seja agradável a luta, mas pelo pavor da concorrência. Os comerciantes guerreiam-se, cada qual atemorizado pela perspectiva da própria ruína. Já não há confiança. É o medo que domina a Humanidade.

Esse medo provém da certeza em que todos estão de que já não há um ponto de apoio comum, uma suprema lei moral, uma suprema finalidade que deve condicionar todos os problemas e todas as ambições.

Caímos, assim, nos dias de hoje, nos tempos do troglodita.

*

*

*

Nunca o Homem foi mais triste. Sente-se isolado, perdido no tumulto do seu tempo, na impiedade do século, na crueldade dos costumes.

O Homem é o último dos seres da Criação

MADRUGADA DO ESPÍRITO

porque sobre nenhum outro se exerce tão fortemente o império de um sentimento deturpado dos fenómenos universais. Adulterou-se-lhe a visão. A tristeza do Mundo paganizado, da civilização deste século é a maior tristeza da História...

MARCHA FÚNEBRE

(1931)

O mundo moderno perdeu o senso puro da alegria. Porque confundiu a alegria com o prazer. E tendo esgotado todos os prazeres, caminhou para a morte e o aniquilamento.

A liberdade política transformou-se em liberdade moral e esta criou a liberdade dos instintos. O subconsciente cresceu sobre o consciente e clamou pelos seus direitos. Era o mundo ignorado o segundo plano confuso e impreciso que se transportava ampliando-se como uma escuridão que avulta sobre a inteligência.

Proclamada a libertação de todos os limbos desconhecidos, entrou pela alma do homem moderno o tropel alucinante das formas de pensamento, em estado de elaboração, fantasmal e trágico. O mundo subconsciente (caos gerador ensaiando as expressões em lineamentos disparatados como fetos informes e monstruosos) veio dominar o sentido da vida contemporânea.

PLÍNIO SALGADO

nea com a violência de forças brutais desencadeadas.

Forças sem governo, forças desordenadas, heterogêneas, sem direcção. Forças telúricas do mundo interior, amorfas, nebulosas, de ritmos fragmentários, dissociantes.

A ALMA VIRADA AO AVESSO

O fenómeno que se dera com as antigas civilizações arrazadas pelos bárbaros repetiu-se de maneira inversa, dentro do próprio homem. Pois todo esse caos que a consciência disciplinava era contido pela pressão de uma força exterior dominadora. O século da máquina virou a alma pelo avesso, porque tendo-se esta libertado do que se denominou o «terror cósmico», que mantinha o equilíbrio contendo a deflagração das energias interiores, viu-se, súbitamente, dominada pelos estranhos duendes larvares dos instintos desenfreados.

A alma foi invadida pelos hunos dos seus próprios recessos...

A isso fora o homem levado pela sede de liberdade. Essa liberdade chegou às suas últimas con-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

sequências. E de tal forma, que o pobre títere humano perdeu o sentido dela.

O homem já não sabe exactamente o que significa ser livre.

Pugnando pela progressão infinita do direito de se afirmar e de agir, acaba negando a própria personalidade e adoptando o senso do colectivismo, aceita a subordinação do indivíduo à feição de um grande todo social.

Esse mesmo homem, que ergueu audaciosamente a cabeça para negar a metafísica, e substituiu a teologia pela crítica, o espiritualismo pelo materialismo, o sentimento da disciplina pela utilidade da disciplina, foi prosseguindo de tal forma que acabou por aceitar uma nova metafísica, criando o deus-colectividade, o misticismo da negação, o cativoiro social em nome de uma coisa tão vaga como o paraíso sonhado de uma humanidade mecânica.

O HOMEM TEM MEDO DE SI PRÓPRIO

De sorte que o homem moderno retornou ao estado de espírito anterior ao monoteísmo e à revelação cristã, para viver apavorado diante dos ele-

PLÍNIO SALGADO

mentos. Pois se hoje, civilizado, já não treme diante dos trovões e dos raios, começa a tremer e vai até ao delírio, sentindo o rumor «freudiano» do seu subconsciente em tropel, que ele procura decifrar através da psicanálise, como outrora os povos primitivos procuravam conhecer o mundo exterior através dos seus sortilégios e superstições.

E, do mesmo modo que o troglodita recuava apavorado diante de uma tempestade, o «gentleman» recua hoje atordoado diante do seu próprio complexo, que é tão grande ou tão pequeno, ou pelo menos tão incondicional à inteligência, como as complexas nebulosas no infinito do tempo e do espaço.

*

*

*

Quem ouvir um marxista, dos mais conhecedores da sua doutrina, discorrer sobre a teoria dos movimentos e das relações da matéria, sobre os processos dialécticos, sobre a concepção evolucionista da natureza, ficará pasmado diante das abstracções a que a sua inteligência é conduzida

MADRUGADA DO ESPÍRITO

e aos planos metafísicos em que o raciocínio vai agir, usando da mesma força criadora com que o homem da caverna, perdida a luz da graça, idealizava os seus primeiros deuses. E quem atentar melhor sobre os sentimentos que animam o prosélito de Marx, verificará que esse sentimento, analisado à luz crua da crítica, tem muito de misticismo e até de feiticismo.

É o homem, de novo, sob o domínio do terror, que precedeu o monoteísmo e o cristianismo e de onde se originou todo o pavor do infinito.

Tal é o fundo espiritual desta civilização, que finge desdenhar do problema da *causa* e do *fim*. Essa a expressão do burguesismo libertário, do capitalismo científico, do anarquismo e do socialismo.

DESAPARECEU O SENSO DE EQUILÍBRIO

O equilíbrio do Homem e do seu «sentimento do Universo» provinha exactamente do equilíbrio entre as duas forças, uma que está dentro, outra que está fora de si.

Anulada uma, desaparecida a pressão exterior, rompe-se o equilíbrio e efectiva-se o desdobra-

PLÍNIO SALGADO

mento dos planos interiores. É o mundo dos instintos, são as formas larvares do pensamento, que passam a dominar sobre o homem moderno.

Esses espectros de idéias conduzem o homem contemporâneo à interpretação errônea da alegria e do sentimento do prazer e da dor.

Tudo se indefine. O prazer passa a ser uma forma de sensação, sem limites bem traçados com a dor. É uma dor bastarda, como afirmaria um notável escritor brasileiro. E, como todos os planos morais, estéticos e políticos se baseiam na concepção do bem e do mal, do agradável e do desagradável, do útil e do inútil, do feio e do belo, e uma vez que o mundo caótico dos instintos estabeleceu o tumulto crítico, a Humanidade vai hoje caminhando sem disciplina, entregue a essas forças bárbaras que a arrastam a todas as degradações e a todos os crimes.

ECLIPSE DA MORALIDADE

Não admira que se afirme que a moral é um ponto de vista. Não admira que se dê hoje ao amor entre o homem e a mulher uma finalidade

MADRUGADA DO ESPÍRITO

puramente egoísta. Não admira que se queira anular a personalidade em nome do individualismo. Nem que se queira fazer uma colectividade infeliz, em holocausto a uma pura ideia abstracta, a uma pura concepção ideal de colectividade feliz. Nem, ainda, que se persigam as religiões em nome da liberdade. Que se venham mais tarde a perseguir os próprios indivíduos que clamarem pela liberdade, em nome dessa própria liberdade. Que se atente contra a afirmação integral do amor entre o homem e a mulher, em nome da liberdade do prazer. Que se negue o direito dos pais, em nome da justiça social e dos interesses de uma ideal colectividade. Não admira ainda que se suprima a propriedade em nome dos próprios direitos da propriedade, como faz o capitalismo, como pretende fazer o comunismo. Nem espanta que desapareçam todas as garantias da lealdade e da honra, quando todos estão certos de que a moral não passa de um ponto de vista.

É que o Homem perdeu o senso do equilíbrio. E, perdendo esse equilíbrio, torna-se um instrumento imperfeito de interpretação do Universo e dos seus fenómenos.

PLÍNIO SALGADO

AS SOMBRAS COBREM A TERRA

Estamos vivendo o grande período humano da confusão. E, nesse estado de espírito, o Homem é triste. Profundamente triste. Todas as suas barulhentas expressões exteriores não passam de dissimulações.

O mundo pagão, o mundo ocidental, o mundo livre, libertado de todos os terrores religiosos, de todos os preconceitos morais, o mundo opulento, que criou o arranha-céu e o «jazz», que proclamou todas as liberdades, caminha, soturno e trágico, como uma marcha fúnebre...

SENTIDO DA TRISTEZA E DA ALEGRIA

(1931)

NÓS vivemos no fim do século da civilização anti-cristã. E essa civilização não trouxe, nem a felicidade, nem a alegria. Porque uma e outra têm fundamento na compreensão perfeita do «real». E toda a filosofia, toda a política, toda a economia, toda a sociologia modernas se fundam no «irreal».

Parece absurdo, mas do materialismo e do experimentalismo gerou-se a «ilusão», ao passo que do espiritualismo proveio o senso do equilíbrio da verdade.

O mundo contemporâneo sofre de uma estranha ataxia locomotriz, que é, por sua vez, a consequência de uma visão adulterada dos factos, de uma interpretação deturpada das finalidades do Homem.

Há um fenómeno inicial, que determina as directrizes do indivíduo e das nações: o desejo em trânsito para a posse; em última análise, a procura

da felicidade, que é a coincidência do ritmo entre a *aspiração* e o seu *objecto*.

Essa procura desenvolve uma energia cega e tumultuosa.

É o grande complexo, ansiando por uma forma de expressão.

É a inquietude permanente, o rumor da procela. É o sentimento confuso de todos os arbítrios instintivos, que se chocam, que se conjugam, que se dissociam, que se realizam em minutos fulgurantes de prazer ou se esboroam, nos tédios profundos e deprimentes.

Essa energia, desde que passou a ser considerada em si mesma, como *causa e fim*, começou a perder o ritmo disciplinador. A sua órbita foi-se alargando, até se imprecisar nos limites mais vagos.

E o Homem, como as Nações que ele constitui, perdeu o senso da felicidade, pois esta foi tomada num *sentido absoluto* e condicionada a uma *possibilidade relativa*, que é o prazer.

O prazer *finito* passou a ser objectivado por uma ânsia de felicidade *infinita*.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

DECOMPOSIÇÃO DA SOCIEDADE

E o Mundo começou a apodrecer. A apodrecer tristemente, fúnebremente, no individualismo anárquico, na ânsia pelas liberdades maiores.

O Homem é hoje o grande avarento, o grande medroso, o grande egoísta, o grande covarde.

O capitalista que acumula o seu dinheiro, guarda-o, ciosamente, como uma reserva de felicidade em potencial. Faltando-lhe tempo e capacidade física para comprar prazeres na medida das suas possibilidades aquisitivas, o dinheiro transforma-se para ele, de mero instrumento, em finalidade. O seu detentor atravessa as mais das vezes a vida, como um escravo do trabalho. E, assim como a felicidade se transformou em prazer, também o prazer se transformou no seu próprio instrumento de aquisição que é o dinheiro. Este, cedeu o seu lugar ao trabalho.

*

*

*

O trabalho, que era meio de perfeição, passou a ser sublimação da avareza. O trabalho deixou

PLÍNIO SALGADO

de ser um instrumento do Homem, passando o Homem a ser o seu instrumento. Dessa forma, se para o rico o trabalho é uma escravidão voluntária do espírito à matéria, para o pobre é o grande aparelho deformador da personalidade.

Para aquele, o trabalho tornou-se o prazer material sublimado, enquanto para este a forma de uma humilhação imperiosa.

Dentro dessas finalidades relativas, desapareceu completamente a influência da disciplina, que objectiva o absoluto. E todas essas situações são decorrentes do conceito, que o Homem se impôs, de uma finalidade em si próprio, e considerando-se um mero conjunto de sentidos e de instintos, que se coordenam formando a inteligência.

Semelhante proposição do problema humano apeia do seu trono a Inteligência, submetendo-a a todas as precariedades.

CAMINHANDO PARA O ABISMO

E, entretanto, a felicidade é simples e a alegria o mais acessível de todos os dons!

Onde a Inteligência, isenta do tumulto dos desejos desordenados, traçou limites à angustiosa

MADRUGADA DO ESPÍRITO

inquietação, a felicidade começou a existir. E a alegria íntima que ela encerra ilumina a Vida com a única luz de verdade que se projecta sobre a imensa confusão do Mundo.

A felicidade não está no saber desejar e possuir, está antes no saber renunciar.

As nações de hoje, como os cidadãos do nosso século democrático, só aprenderam a desejar, a desejar até ao infinito.

Os confortos da civilização acordam tropéis de ambições. A ambição dos potentados, que exploram os humildes e os pobres; a ambição dos proletários, que odeiam os ricos, exactamente porque estes lhes ensinaram, no delírio das suas ostentações, no exemplo que lhes oferecem todos os dias, que o dinheiro tudo pode, que a ambição não tem limites.

E, como tudo está hoje deturpado, todas as visões obliteradas, todo o senso do «real» anuviado, já o operário se satisfaz em passar quaisquer privações, em suportar qualquer regime escravizador, contanto que os que hoje o exploram também sofram as consequências de uma concepção integral de economia capitalista. E, ao passo que a luta se trava no interior dos países entre o

PLÍNIO SALGADO

Capital e o Trabalho, também se fere a grande batalha económica no âmbito mais largo das praças mundiais, entre os poderosos que se enfrentam e os governos que se odeiam.

E o mundo moderno é tomado de um terror pânico, de um ódio e de uma tristeza acabrunhantes.

Chegámos ao auge da civilização anti-cristã, dessa civilização que condenou o Cristianismo como uma expressão de humildade aviltante, de indigência e fraqueza. E, entretanto, nunca houve uma civilização mais humilhada, mais pobre e mais débil.

Humilhada por uma situação que se torna um quebra-cabeças insolúvel; paupérrima, porque nunca os países tiveram tantos milhões de desocupados, e de famélicos; fragílissima, porque sente o seu ocaso, rola para o abismo inevitável, e não encontra em si as forças que poderiam detê-la na marcha inexorável.

A SALVAÇÃO, POREM, NÃO É IMPOSSIVEL

E, enquanto se multiplicam os filósofos; enquanto os cientistas esgotam a sua vida nos

MADRUGADA DO ESPÍRITO

laboratórios; enquanto os financistas procuram aflitivamente as causas das repetidas crises que se reproduzem em todas as praças; enquanto o comunismo amplia os horizontes da finalidade económica, ensaiando um regime que destrói a liberdade e a personalidade; enquanto os governos democráticos sentem as instituições vacilar nos seus alicerces, e os povos apelam para as ditaduras asfixiantes, e as nações se entreolham apavoradas, armando-se até aos dentes, e crescem, sob os olhos bestializados do capitalismo universal, as multidões proletárias plasmadas ao gosto materialista, e enquanto a tormenta social raiva furiosamente pelo Mundo, — a felicidade ainda existe sobre a Terra!

Parece incrível, mas existe!

A FELICIDADE ESTÁ NA VIDA CRISTÃ

Há, num lar humilde, um trabalhador feliz na sua pobreza, porque se sente cercado do amor e do carinho da sua esposa e dos seus filhos. O pouco que faz dá para as pequenas alegrias modestas do lar. Ao erguer-se do leito, tem nos lábios a súpula da sabedoria, que é uma pequena

oração, em que pede o pão de cada dia, perdoa as ofensas que sofreu na véspera, submete-se a uma Vontade Superior. À noite, ao regressar do trabalho, não vai aos clubes. Nos teatros só alguma vez aparece e, com isso, tem mais prazer do que se fosse todos os dias. Espera-o, depois do labor quotidiano, um ambiente modesto, onde existe uma ventura maior, que é a sinceridade do carinho, coisa tão simples e tão grande que os ricos nem sempre possuem. A comunhão do sentimento, que provém da própria disciplina das aspirações, que se origina directamente da concepção espiritual da vida, da ideia de uma finalidade superior, cria o ambiente amável do lar doméstico.

E a felicidade é apenas isso. Um senso de limites. De realidades. E isso não é resignação humilhante, mas sabedoria suprema. Bem maior do que as conclusões sociais que vieram dos laboratórios. E isso não é também fraqueza: é a mais inexpugnável das fortalezas, porque só a capacidade da renúncia inspira a verdadeira independência.

É a força pura do carácter, impondo um condicionado ao complexo interior, tumultuoso, mór-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

bido de desejos impulsivos. A vontade desse homem não é um catavento como a dos super-homens desesperados da grande civilização. Ele é o verdadeiro Super-Homem, vencedor de todas as batalhas. A sua casa é a casa da bondade e da paz, da alegria pura e da felicidade perfeita...

GIGANTES DA MONTANHA E ANÕES
DE NIEBELUNGEN

(1932)

A última metade do século XIX caracterizou-se pelos rumos originados de um só facto que foi a colocação, no mesmo plano, da filosofia e da ciência.

A ciência, pelo seu carácter experimental, materializou a filosofia, e esta, pela sua índole metafísica, logo contagiou a ciência, perdendo a primeira a sua transcendentalidade e a segunda ganhando um tom supersticioso, que passou a dominar o mundo, à força de generalizações e profecias.

Como consequência, as últimas décadas do século XIX foram governadas pelas hipóteses, às quais se emprestou mais valor do que aos dogmas. E a humanidade que, no dizer de Kant, despertara do sonho dogmático, adormeceu, no sonambulismo agitado das suposições transitórias.

O espírito da filosofia readquire o sentido grego da consideração do universo, abandonando completamente a concepção teológica.

PLÍNIO SALGADO

Nem por isso, a própria tendência ao materialismo helénico (que já se esboçara muito antes e fora o próprio sopro animador da Enciclopédia), deixaria de transportar, para o século passado, o conceito, também grego, do idealismo de Platão.

Constitui este a essência profunda de um dos movimentos mais notáveis da filosofia: o hegelianismo, que trazia as mais graves e surpreendentes consequências.

DEPOIS DE HEGEL

Representa Hegel uma encruzilhada de que partirão dois adversários irreconciliáveis: os materialistas e os idealistas.

Os materialistas-evolucionistas, com a contribuição da dialéctica hegeliana, chamar-se-ão «marxistas». Karl Marx traz consigo três precedências que o marcam: o misticismo anarquista, embora Marx afirme ligar-se ao utopismo socialista de Saint Simon; o determinismo evolucionista; e a dialéctica de Hegel. A corrente contrária, dos néo-hegelianos, idealistas e dialécticos, prossegue noutro sentido e, embora agnóstica e positivista, aproxima-se, sob certos aspectos, da corrente espi-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

ritualista, cuja expressão dominante é a neo-escolástica.

De um lado desenvolve-se a linha que, partindo da dialéctica de Hegel, se inclina para o evolucionismo, depois de transitar pelo conceito do materialismo dinâmico de Fuerbach, por sua vez preso ao materialismo de Haeckel. De outro lado, desenvolve-se a corrente que, partindo também da dialéctica sem rejeitar o primado da ideia que representa a própria essência do neo-platonismo hegeliano, aproxima-se de certa forma do sentido espiritualista da existência. Opera-se, gradativamente, neste campo, a conjunção de dois mundos, a harmonia de dois conceitos: o da «Ideia em si», e o da «ideia segundo seus movimentos»; a lógica formal não constitui uma contradição com o novo processo de pensar e conceber o universo: a lógica hegeliana não é mais do que uma nova expressão dinâmica de antigos conceitos estáticos. E quando, finalmente, o século XX, com uma maior capacidade de compreender «conjuntos de movimentos» coloca o mundo de Hegel no seu lugar exacto, como um trecho apenas das expressões totais do universo, a tradição de Aristóteles ressurgue vitoriosa. E, enquanto uma cor-

PLÍNIO SALGADO

rente do pensamento do século XIX vai ligar-se ao epicurismo e ao panteísmo dos gregos, a outra vem restaurar o prestígio da concepção aristotélica, aproveitando-se dos novos cabedais de conhecimentos que o século XIX lhe fornece.

São as duas faces extremas do pensamento ocidental: uma de afirmação em todos os sentidos, outra de negação completa.

CONTRADIÇÕES DE MARX

É aqui que se evidencia a contradição marxista. A filosofia de Marx parte do princípio da precedência da matéria sobre o espírito. No começo existiu apenas a matéria; depois veio a vida; finalmente a ideia e, em último plano, o espírito, o qual não passa de um mero clarão de matéria.

A doutrina do materialismo histórico baseia-se no pressuposto *da ideia de negação da própria ideia*. Tem, portanto, origem idealista. Afastando-se do apriorismo dogmático, vai cair, por sua vez, no apriorismo científico, logo transformado em novo dogma.

Negando o primado da ideia, afasta-se de Hegel, deste aceitando, apenas o processo dia-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

lético, que constitui o novo fanatismo marxista. Originando-se indirectamente de Kant, contradiz os métodos kantianos, pretendendo considerar provado aquilo que o relativismo do sistema crítico declara inacessível à prova. Cai, assim, mais do que no idealismo néo-platónico de Hegel, no próprio apriorismo dogmático, e enquanto declara morta a filosofia antiga, ele mesmo, o marxismo, reata a tradição teológica, partindo de um pressuposto, que é a negação da precedência da ideia e do espírito sobre a matéria.

É a religião do ateísmo, intransigente como os maiores fanatismos. Aliás, Sorel procura desculpar o socialismo marxista, escrevendo: «A religião não é a única ocupante das profundezas da consciência: os *mitos* revolucionários assentam-se ali com as mesmas prerrogativas». Essa frase de Sorel mostra como os marxistas acreditam pouco na sua ciência...

Os discípulos de Marx pretenderam defendê-lo dizendo que ele pusera de pé a dialéctica de Hegel, que até então andara de cabeça para baixo. Nada mais errado, porque o idealismo é a essência da dialéctica; esta não passa das duas pernas que caminham. Foi Marx, aceitando a dialéctica e

rejeitando a precedência da ideia, que pretendeu uma filosofia de pernas para o ar.

O marxismo é, não somente, unilateral na consideração do mundo, do homem e da sociedade, que ele só visiona do ponto de vista do desenvolvimento das forças materiais, mas é, sobretudo, contraditório, porque a negação não passa, em última análise, da própria afirmação. O conceito da precedência da matéria sobre a ideia, representa, ele mesmo, a expressão da primordialidade de uma ideia: a ideia da negação.

Subordinando todo o seu método crítico ao jogo dialéctico das forças económicas e sociais, o marxismo objectiva a realização da síntese hegeliana, numa sociedade que, depois de transitar pela ditadura do proletariado, possa abster-se dos governos e da ideia do Estado. Nesse ponto, o misticismo anarquista colabora fortemente na teoria de Marx, mas a dialéctica de Hegel esbarra numa contradição.

*

*

*

A ditadura do proletariado seria já uma *síntese*, entre a *tese* capitalista e a *antítese* socialista.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Realizada a síntese, transformar-se-ia, imediatamente, segundo o processo hegeliano, em *tese*, e desta se originaria nova *antítese*, prosseguindo, sem cessar, o desenvolvimento do processo dialético. Entretanto, o marxismo, pela intransigência dogmática da sua concepção social e económica, elimina, de antemão, o livre desenrolar da dialética. A ditadura do proletariado é um interferente, que evidencia o valor da ideia, a sua primordialidade.

*

*

*

Mas, a contradição marxista é ainda maior porque, na consideração dos contrastes sociais, das ideias opostas do *Capital* e do *Trabalho*, abstrai todas as consequências da tese fundamental geradora do conceito materialista da história. Essa tese, que precedeu a ideia do Capitalismo e a antítese do Proletariado, é a ideia do próprio materialismo, isto é, a da negação da pre-existência do espírito e da primordialidade da ideia.

Ora, antes dessa tese gerar as concepções do *Capital* e do *Trabalho*, deveria gerar a sua con-

trária, isto é, *a sua antítese*, segundo o processo hegeliano. Essa antítese seria a ideia de afirmação da precedência do espírito sobre a matéria. Seguindo a dialéctica hegeliana, o espírito negaria o espírito e a matéria negaria a matéria, produzindo-se a síntese, que seria a afirmação de ambos.

O marxismo, entretanto, impressionado pelo cientismo experimental, abandonou a ideia inicial da concepção materialista do mundo, como tese geradora de uma antítese, e partiu do degrau imediato, tornando dessa forma *estática* a concepção materialista e renegando assim o conceito dinâmico do processo hegeliano. Incorre, por conseguinte, dentro da sua própria filosofia, num artifício flagrante; daí a série de contradições dos seus métodos.

*

*

*

Cumpre notar que os princípios fundamentais da doutrina económica marxista se baseiam em categorias *irrevogáveis*, tais como o «interesse da aquisição», a lei do «mais valor»; no entanto,

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Marx propõe uma sociedade futura em novas bases, onde essas leis não terão mais aplicação nem cabimento.

Conclusão lógica: ou essas leis são verdadeiras e a concepção da sociedade futura marxista é um erro; ou essas leis não são verdadeiras e, nesse caso, a economia marxista não tem base científica.

Resta uma terceira hipótese: a doutrina de Marx tenta fugir do dogmatismo científico. Mas se assim é, o marxismo não passa de uma reacção idealista; portanto contradiz-se a si mesmo quando aceita de Hegel a dialéctica e rejeita o idealismo daquele filósofo...

O MARXISMO COMO CRÍTICA

Agora, um pequeno elogio ao marxismo. A sua crítica ao desenvolvimento económico da sociedade traz uma valiosa contribuição, embora sob um aspecto restrito. Para aplicá-la, temos de partir do pressuposto do predomínio de uma civilização baseada no princípio materialista. Isto assente, verificamos que o marxismo projecta intensa luz sobre o panorama da sociedade burguesa e capitalista.

PLÍNIO SALGADO

O erro do marxismo é aceitar, como definitiva e triunfante, a concepção burguesa da existência. O que ele nos oferece, como contribuição ao estudo da economia moderna é o desenvolvimento das consequências do conceito materialista da História.

Aproveitando-nos das suas observações, temos de concluir, entretanto, que o marxismo é incompleto, é unilateral, não passa de um simples capítulo baseado numa simples hipótese. Já não é uma teoria para moços, porque estes já pertencem ao século XX, que é de revisão geral de valores e de sintetização de conceitos.

O marxismo é a doutrina do tempo da máquina de vapor, dos teares e da iluminação a gás. Isso, que parece não ter relação, está, entretanto, intimamente relacionado com os processos do pensamento. Por isso, Keyserling afirma com muita observação e espírito: «Meu filho entende melhor o automóvel do que eu, porque ele é do tempo do automóvel». O marxismo, pois, foi uma luz que já prestou um serviço. É contemporânea dos bicos de gás e dos lampeões a querosene. Hoje preferimos a lâmpada eléctrica.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O PANORAMA BURGUES

Consideremos, porém, o terceiro aspecto filosófico do século passado. É a filosofia burguesa. Enquanto os neo-hegelianos e os neo-escolásticos se prendem a Aristóteles e Platão; enquanto os marxistas vão buscar suas raízes mais remotas no pensamento de Epicuro, nós podemos afirmar que a burguesia nos apresenta certos traços que a identificam aos estóicos.

O estoicismo é a filosofia dos povos em decadência, dos últimos actos crepusculares das tragédias gloriosas das raças. É a indiferença, a passividade, a incapacidade de reacção. E esse é o espírito que domina o Estado Burguês. Os governos liberais e materialistas assistirão indiferentes à passagem vitoriosa dos asiáticos destruidores da personalidade humana, como os senadores de Roma, hieráticos nas suas cadeiras, contemplavam a marcha invasora dos exércitos de Alarico. É o cepticismo anatoliano, flor esquisita do agnosticismo burguês e do «laissez-faire, laissez-passer» do liberalismo democrático.

A atitude anti-finalista das filosofias burguesas

PLÍNIO SALGADO

criou o grande sentido da abstenção, de comodismo fatalista e conformismo estóico. Impossibilitada de viver com a contribuição do espírito, que é uma das três manifestações essenciais do homem, essa civilização criou, como impulsionadores da marcha política, pobres feitiços e deuses débeis, que deveriam co-honestar vagos princípios de moralidade, de harmonia social. A religião da Humanidade de Comte, ou a filantropia do pragmatismo americano não passam de superstições, destinadas a substituir o elemento espiritual abandonado.

Desde a Enciclopédia e, principalmente, depois da Revolução Francesa a sociedade burguesa começou a criar ficções, que através de todo o século XIX até o começo deste, vieram denominando-se: «soberania nacional», «sufrágio universal», «civismo», «liberdade», «livre-pensamento», palavras que se transformaram em tabus, como iria acontecer, paralelamente, no rumo marxista, às frases: «luta de classe», «pressão das massas», «socialização dos meios de produção», e outras.

A filosofia e a política burguesas, de fundo estóico, afinavam-se ao mesmo diapasão: negar a possibilidade da interferência do homem na mo-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

dificação da marcha social. Tudo devia subordinar-se ao ritmo moral do determinismo, não sendo, de forma alguma possível, a acção transformadora da ideia. Enquanto o Estado burguês é estóico, a sociedade burguesa é epicurista.

O CONFORMISMO MATERIALISTA

O colectivismo marxista parte dessa premissa lançada pela burguesia e prognostica, com admirável segurança, as consequências fatais. A diferença entre o marxismo e o integralismo está, aliás, evidente neste ponto: o marxismo aceita a premissa burguesa; nós, integralistas, rebelamo-nos contra ela. O marxismo verifica uma situação, subordina-se a ela, e prossegue. Nós verificamos essa situação, reagimos contra ela, primeiro pelo pensamento e finalmente pela acção. O marxismo é uma filosofia de escravos. O cristianismo, em que nos inspiramos, é uma doutrina de homens livres.

A visão estreita da burguesia capitalista é a mesma do marxismo. Mas a burguesia é passiva e gozadora e muito mais materialista do que o marxismo. Quem nega afirma a seu modo. Mas

PLÍNIO SALGADO

quem dá de ombros, quem é indiferente diante do drama do homem, esse é que sabe negar com perfeição.

GIGANTES DE NIETZSCHE E PIGMEUS DE MARX

Entretanto, contrapondo-se à mediocridade do pensamento burguês, e ao oportunismo conformista dos adeptos de Marx, ergueu-se uma voz no século XIX, que vibrou como um protesto universal. Foi a voz de Frederico Nietzsche.

Contra o individualismo rasteiro, egoístico, da democracia liberal, e contra o colectivismo, anulador da personalidade humana, o pensamento gritante do criador de Zaratustra tem o valor de uma revolta, sibilando, como um chicote de fogo, às faces do século científico.

Em Nietzsche encontramos a atitude anti-cristã de desprezo aos humildes, de glorificação dos homens superiores. Atitude condenável de orgulho, de superdivinização dos heróis, teve o mérito, porém (tão certo é que Deus fala pela boca de seus próprios inimigos), de mostrar, no instante em que se delineava a marcha colectivizadora, a anulação completa do indivíduo, prestes

MADRUGADA DO ESPÍRITO

a transformar-se em peça de máquina, esta verdade suprema: — O Homem existe!

*

*

*

E Nietzsche é a grande luneta de aumento, na hora em que o homem começava a perder a estatura moral e a desaparecer escravizado na massa.

Eis porque hoje verificamos que Nietzsche foi também um trecho da verdade, deturpada pelas projecções exageradas com que se apresentou.

Era preciso que aparecesse Marx, para mostrar as consequências de uma civilização materialista. Marx, por certo, é o próprio intérprete da burguesia, falando uma linguagem estranha, que a sociedade materialista, em pavor, não reconhece. E a voz de Marx, é a sua própria voz!

Ele quer a destruição do Indivíduo que será assimilado, para sempre, no monstro Colectividade.

O deus de Comte, burguês prudente e cauto, transfigura-se no Moloch aterrador do socialismo. O homem animaliza-se; torna-se menos do que um animal, porque é uma peça de máquina.

PLÍNIO SALGADO

Sobre esse panorama de miséria, reboa a voz de Zaratustra que desce da montanha.

Mas ele, sendo também o erro, é o contra-veneno de Marx.

O marxismo quer os anões de Niebelungen; Nietzsche conclama os gigantes da montanha.

Nós, cristãos, não queremos nem o anão, nem o gigante, mas, apenas, o Homem.

O Homem Integral.

CAPITALISMO E COMUNISMO

(1933)

A identificação do Capitalismo com o Comunismo é uma consequência lógica do exame que fizemos:

- 1.º) Da identidade das suas origens filosóficas;
- 2.º) Da identidade das suas origens económicas;
- 3.º) Da unidade de direcção no processo de desenvolvimento;
- 4.º) Da unidade do objectivo final.

Examinemos, um a um, estes pontos e chegaremos à conclusão de que não é possível combater o Capitalismo sem combater o Comunismo, do mesmo modo que não é possível combater o Comunismo sem combater o Capitalismo. Pois tanto um como outro não passam de uma só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo

PLÍNIO SALGADO

corpo, que é o materialismo, a subordinação do Espírito Humano à brutalidade das forças cegas da Natureza, ou melhor, de uma das faces da Natureza, isto é, a material.

Assim, vejamos.

IDENTIDADE DE ORIGENS FILOSÓFICAS

O Capitalismo é uma consequência do Liberalismo. O Liberalismo é o império do Individualismo. O Individualismo é o rompimento com todas as disciplinas morais capazes de compor equilíbrios na sociedade, de acordo com os interesses superiores do Espírito.

Por consequência, o Individualismo é o Materialismo. E a prova de que o Individualismo é o Materialismo é o facto dessa concepção de vida ter tido como fonte os postulados epicuristas, estoicistas ou naturalistas que constituíram toda a trama do pensamento dos fins do século XVIII, da Enciclopédia e da Revolução Francesa.

O «homem natural» de Rousseau é o índice de todo o Individualismo que gerou o Liberalismo. Se o Homem devia ser «natural», era lógico que a Economia fosse também «natural» e que nenhuma força interviesse, nem nos movimentos do

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Homem, nem nos da Economia. Tudo deveria ser subordinado às próprias leis da matéria.

Foi segundo esses princípios materialistas que a Burguesia se desenvolveu, como instrumento passivo nas mãos da Finança Internacional.

Lançada a luta livre no mundo, fechadas as corporações operárias, proibido o Estado de intervir nos fenómenos da produção, da circulação, da distribuição e do consumo das mercadorias, começou a verificar-se o que seria inevitável: os fortes a oprimirem os fracos.

A liberdade contratual, dando direitos e poderes a cada indivíduo para propor e aceitar salários, colocou o operário, isolado e fraco, diante do patrão imensamente forte. Coagido pela concorrência de outros operários, o ofertante de «trabalho» via-se na dura contingência de subordinar-se à oscilação dos preços. O «trabalho» foi transformado em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura.

A livre concorrência, no campo comercial, conforme observa Marx, que é um sistematizador burguês, levava os detentores dos meios de produção a cortarem os salários e aumentarem as horas de trabalho. Essa dupla luta de cada pro-

dutor, de um lado com o seu adversário e do outro com os seus assalariados, determinava a derrota dos que apresentavam menores possibilidades de resistência e adaptabilidade.

Sendo injusta, imoral, semelhante situação, o Capitalismo precisou de arranjar uma justificação. Esta encontrou seus fundamentos no materialismo. O estudo da evolução natural abriu novos horizontes à brutalidade do Capitalismo. Enquanto Haeckel explica a origem da vida no mistério das «moneras», enquanto Darwin desenvolve a teoria do «struggle for life», que justifica o triunfo do forte, do mais apto, sobre o fraco, Spencer, com extraordinário poder construtivo, sistematiza as grandes linhas do Evolucionismo, estabelecendo os seus «princípios» e acompanhando as manifestações da «matéria» e da «energia», desde a nebulosa às sedimentações geológicas, e desde os primeiros fenómenos vitais até à sociologia, à política e ao direito.

Spencer é o filósofo da Burguesia e do Capitalismo inglês, como Adam Smith é o economista do liberalismo nacionalista da Grã-Bretanha. A palavra mágica, tanto para um como para outro, é a mesma de Darwin: a luta.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Nada mais natural para uma concepção materialista da vida. Nada mais lógico, para uma época em que o naturalismo levou ao experimentalismo e este à consideração unilateral dos fenómenos.

A palavra cabalística do século XIX, diz Farias Brito, foi: «evolução». Acho que poderemos acrescentar a essa palavra, esta outra: «luta».

Só o Espírito une. A matéria divide. Por isso o Individualismo e o Liberalismo, filhos do Materialismo, lançaram as mais tremendas lutas sobre a terra. No campo da política, a luta dos partidos; no geográfico, a luta das regiões, no étnico, a luta das raças; no da produção, a luta da classe; no comercial, a luta da concorrência; no económico-financeiro, a luta da moeda com a mercadoria; no internacional, a guerra imperialista.

Nem se diga, simplesmente, que essas lutas existiram sempre, porque isso seria confessar a falência de um século, de todo o orgulho da sua ciência e da sua filosofia. Porque o facto é que as velhas lutas de que nos deveríamos libertar, num estágio superior de civilização, foram agravadas e a elas o Materialismo acrescentou outras mais cruéis.

Era lógico, portanto, que Karl Marx, o fundador do comunismo, sendo um burguês e filho do século XIX, imprimisse à sistematização da sua obra o mesmíssimo timbre da filosofia burguesa, que é a filosofia da luta estúpida e cega do materialismo justificador dos triunfos dos fortes sobre os fracos.

Essa identidade de pensamentos, de concepção de vida, que se surpreende no Marxismo e no Capitalismo Liberal, ambos subordinados às leis inerentes a um aspecto isolado da Natureza, revela, também, no Comunismo, que tantos acreditam ser a doutrina «da moda», o carácter inconfundível do século passado: unilateralidade. É por isso que Henri de Man afirma que o Marxismo não passa de «uma forma particular de uma mentalidade geral própria do século passado». Basta, aliás, ler as reflexões de Sorel para se ter presente, no espírito do sindicalismo revolucionário em que também se baseou Lenine, a identidade do pensamento darwiniano, do pensamento burguês dominante em todas as teorias da Evolução.

No tocante a Marx, a própria «dialéctica» de Hegel, que é o dínamo propulsor da sua doutrina, é uma concepção cujo sentido dualista de

MADRUGADA DO ESPÍRITO

luta se apresenta com um carácter marcadamente século XIX.

Hoje, que a lei da gravitação de Newton, em cuja expressão expositiva se encontra o carácter da época da dialéctica, cede lugar a uma nova concepção dos movimentos; hoje, que as velhas concepções do Espaço e do Tempo cedem lugar a uma compreensão nova dos ritmos universais, desde Henri Poincaré; hoje, que vamos encontrar no récesso dos átomos, não apenas a negação da Matéria, mas a unidade das leis universais e a unidade da Energia, nós, homens do século XX, sentimo-nos muito mais próximos de Aristóteles (a unidade diferenciada e o equilíbrio universal), do que dos filósofos materialistas dos quais procede, como uma flor da burguesia crepuscular, — o Marxismo.

O que não se pode negar é a identidade absoluta do Marxismo com a filosofia burguesa, criada para oprimir os humildes e justificar a exploração do homem pelo homem. O que é fora de dúvida é que o Capitalismo e o Comunismo não passam de palavras diferentes para designar a mesma coisa: a brutalidade da violência, o materialismo grosseiro.

PLÍNIO SALGADO

IDENTIDADE DE ORIGENS ECONÓMICAS

Acaso o Marxismo se rebela contra a Economia Burguesa? Acaso o Comunismo se revolta contra o Capitalismo? Se a filosofia comunista é a mesma que a capitalista, como se acaba de ver, como pode engendrar o comunismo uma economia nova?

Mas, acaso, uma Economia Nova é anunciada pelo Comunismo? Mas, então, ele renega as «leis naturais»?

Se nega, deixou de ser materialista e passou para o campo da ética espiritualista.

Se não nega, então não é revolucionário, como se apregoa, pois submete-se a uma concepção de vida que pertence, em primeira mão, ao Capitalismo e à Burguesia.

O Comunismo pretende dar fundamento moral à Economia? Mas então reconhece que a Economia não pode subordinar-se ao materialismo naturalista? Nesse caso, o Marxismo está renegando os seus próprios fundamentos, isto é, o decantado «materialismo histórico».

O Comunismo objectiva uma «justiça social»? E pretende realizá-la sob o império das «leis natu-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

rais»? Perguntamos: qual é a moral das «leis naturais»? Qual o interesse de justiça social das «leis naturais», desde que se abstraíam as ideias de Deus e do Espírito? Qual o interesse de justiça social das «leis naturais»? Se pegarmos numa corrente eléctrica de muitos volts, as leis naturais obedecerão a um princípio de justiça? Ou só será fulminado aquele que o merecer? O Comunismo acha que pode haver interferência do Homem, segundo o seu interesse, nas «leis naturais» da Economia? Mas isso é negar todo o velho determinismo da Evolução e do Materialismo oficial onde o Marxismo se abeberou.

*

*

*

A verdade é que o Marxismo não passa de um capítulo acrescentado à Economia Burguesa. E é o próprio Marx quem o confessa, declarando que não nega as leis que foram sendo descobertas, desde os fisiocratas, mas a elas vem acrescentar outras que ele descobriu. Ele é um continuador de Adam Smith.

Marx descobre algumas leis novas, sendo a

fundamental do seu sistema, a da «mais valia». É um continuador dos burgueses evolucionistas e materialistas. Preocupa-o a precipitação do processo evolutivo do Capital. Pede, então, emprestado, a um outro burguês, Hegel, o seu processo dialéctico. A sua «filosofia de acção» é uma beberagem onde se misturam todas as tisanas filosóficas do século XIX. A sua Economia é a subordinação aos mesmos princípios da Economia Liberal Burguesa.

Pensando bem, a obra de Marx é a apologia do Capital. É absoluta a identidade de propósitos do Comunismo e do Capitalismo. O Comunismo é, apenas, mais apressado. O Capitalismo, através dos seus teorizadores, cala as suas intenções secretas. O Comunismo revela as intenções secretas do Capitalismo e propõe-se executá-las.

O Capitalismo quer o triunfo dos mais fortes, na lei da concorrência. Um a um, serão absorvidos os lutadores. Chegará a ocasião em que dois ou três financistas terão proletarizado todo o género humano.

Marx sabe que esse é o fim do Capitalismo e quer, não contrariá-lo, mas apressá-lo o mais possível.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O Capitalismo pretende que um dia os técnicos da Finança governem o mundo, absorvendo todas as autoridades morais, sociais, artísticas, políticas. E o Comunismo não quer outra coisa. Tudo será subordinado à Economia.

O Capitalismo é internacional; o Comunismo também é internacional. O Capitalismo quer escravizar todos os povos; o Comunismo também.

O Capitalismo, através da usura, do jogo da bolsa, das oscilações do câmbio, atenta diàriamente contra o princípio da Propriedade; O Comunismo prega abertamente contra esse princípio.

E tudo isso porquê? Porque *Capitalismo* e *Comunismo* são dois nomes para designar a mesma coisa: o *Materialismo*.

UNIDADE DE DIRECÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Daí a prodigiosa unidade de direcção no processo de desenvolvimento, tanto do Capitalismo como do Comunismo.

O Capitalismo, agindo internacionalmente, provoca as crises da Produção e do Consumo. O Comunismo, aproveitando-se dessas crises, incita a revolta dos vencidos.

PLÍNIO SALGADO

O Capitalismo, controlando a moeda de todos os povos, provoca as crises do poder aquisitivo, que determinam a superprodução das mercadorias de um lado, e a incapacidade de comprar dos miseráveis: o Comunismo aproveita-se dessas circunstâncias, instiga a rebelião das massas sofredoras.

O Capitalismo, determina a baixa da produção e consequentemente o excesso de braços, de desempregados, de teor de salários; o Comunismo, aproveitando-se da situação, provoca as greves e a mais rápida desorganização do aparelhamento económico dos povos.

O Capitalismo, escravizando os governos, inibe-os de agir contra o Comunismo; este, servindo-se dessa óptima posição, desenvolve-se à vontade.

O Capitalismo, endividando os governos, determina o escorchamento do povo pelos impostos; o Comunismo, aproveitando-se do desespero do povo, provoca revoluções de carácter liberal burguês, que facilitam a confusão num país.

O Capitalismo promove as guerras; o Comunismo age nas rectaguardas.

O Capitalismo cria cada vez mais necessidades de gozo, de prazer, dificultando, ao mesmo

MADRUGADA DO ESPÍRITO

tempo, a sua posse; o Comunismo instiga a revolta de todos os que assistem ao espectáculo de orgia da civilização burguesa.

O Capitalismo, despertando a luta pelos interesses materiais, mata no homem toda a espiritualidade; o Comunismo, encontrando esse estado de consciência, age, destruindo os últimos resquícios do que há de nobre e espiritual no homem.

O Capitalismo, através da luta violenta de interesses que deflagra, fomenta o egoísmo, e o egoísmo enfraquece as forças nacionais; o Comunismo aproveita-se dessa situação e desorganiza toda a sociedade.

O Capitalismo, através dos negócios em que tomam parte os políticos, mantém a seu belo prazer as lutas partidárias; o Comunismo, vendo os partidos distraídos na sua luta mesquinha, age livremente.

O Capitalismo governa o câmbio e o preço das mercadorias e dos salários; o Comunismo governa os sindicatos e as greves.

O Capitalismo e o Comunismo, de mãos dadas, lutam pelas liberdades licenciosas, atmosfera propícia para o seu desenvolvimento.

Uma revolução da Burguesia chamar-se-á sem-

PLÍNIO SALGADO

pre «Aliança Liberal» e na sua rectaguarda marcham os comunistas.

Uma revolução comunista chamar-se-á «Aliança Libertadora» e na sua rectaguarda marcham os burgueses liberais.

O Capitalismo e o Comunismo, pois, pela unidade de direcção no processo de seu desenvolvimento, não passam de duas palavras para significar a mesma coisa: o materialismo grosseiro desejando o mesmo clima político: a licenciosidade e a anarquia, a falsa liberdade que atenta contra a verdadeira liberdade cristã.

A REVOLUÇÃO DA FAMÍLIA

(1934)

A Revolução Francesa proclamou os Direitos do Homem.

A Revolução Russa, oriunda da Revolução Francesa, porém antítese do individualismo, proclamou os Direitos da Classe.

Os movimentos dos modernos nacionalismos na Itália e na Alemanha proclamaram os Direitos do Estado.

Nós, integralistas, proclamamos os Direitos da Família.

O indivíduo, o homem isolado, é uma realidade? Não o negamos.

A Classe é uma realidade? Também não o negamos.

O Estado é uma realidade? Não o negamos também.

Mas, agora, perguntamos aos individualistas liberais; aos colectivistas da extrema e da meia esquerda; aos estadistas, imperialistas, racistas: — a Família não é uma realidade?

PLÍNIO SALGADO

Então, como sobrepor-lhe o Indivíduo, ou a Classe, ou o Estado?

*

*

*

O Homem, no individualismo, hipertrofia-se. Parte de Rousseau e termina em Nietzsche.

O Homem no coletivismo anula-se. Parte também de Rousseau e termina em Marx.

O Homem, no estatismo racista ou imperialista, standardiza-se, uniformiza os seus movimentos nos movimentos de um Todo que serve a finalidade inumana do Estado.

Mas o Homem, no integralismo, que se inspira nos supremos equilíbrios de Cristo e da sua Igreja, não é nem o gigante, nem o pigmeu, nem o autómato: — é, simplesmente, o Homem.

*

*

*

A Revolução Francesa foi a Revolução do Indivíduo e, cem anos depois, o Indivíduo esmagou a sua própria humanidade, porque o coletivismo em que o Homem se dissolveu não passa de uma consequência do próprio individualismo.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Hoje, pensamos em restaurar o equilíbrio social, criando um Estado que, orientado por Princípios Eternos, vá buscar a sua força política numa fonte moral. Essa fonte de moralidade do Estado é a Família. Sem Família não há dignidade do Estado.

O Estado espiritualista e cristão é o que se propõe manter o equilíbrio dos grupos, a fim de assegurar a intangibilidade do Homem. A família é o Grupo síntese, que oferece ao Estado o sentido dos lineamentos exactos.

Porque ela é, ainda, o «meio de cultura» da dignidade física e espiritual da criatura humana. É a limitação do horizonte para que os olhos dominem os pormenores. É a paisagem que nos dá a compreender o panorama social.

Seria louco o pintor que pretendesse detalhar numa tela gigantesca o panorama que se desdobra aos olhos de um aviador, a dois mil metros de altura.

A primeira realidade que se oferece ao Homem, logo que abre os olhos da consciência para o mundo, é a realidade da Família. Como pôde abandoná-la o individualismo? Como pôde passar sobre ela o Colectivismo?

PLÍNIO SALGADO

O individualismo económico e político da liberal democracia é, pelo menos, ingénuo, na sua concepção romântica. Mas os que dentro dele evoluíram, no materialismo histórico, com todo o pretensioso cabedal científico informador das sistematizações burguesas dos evolucionistas e das conclusões burguesas do marxismo, que blasonam de conhecer todos os segredos da sociedade, como puderam passar indiferentes ou agressivos, sobre a maior das realidades?

E os que viram no Estado a realidade única não se lembraram de que o homem da caverna, antes de se constituir em tribo, se constituiu em família? E os racistas, que pretendem desuniversalizar-se na concepção exclusiva dos direitos do sangue, não repararam que no bojo das massas de caracteres antropomórficos uniformes palpita alguma coisa que é comum a todo o género humano, e que é a família?

Aqueles que sonharam a felicidade do Homem, acaso pensaram que há circunstâncias da vida que não poderão jamais ser alteradas pelas tisanas dos regimes políticos? que há dramas de subtil delicadeza e estranho mistério, que escapam à alçada do Estado?

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Os que burocratizaram o ritmo do trabalho; os que socializaram a distribuição dos alimentos; os que nacionalizaram a paternidade e racionalizaram a criação de homens nas creches do Estado, transformando o homem em galináceo e substituindo o lar pelas chocadeiras automáticas dos asilos; os que arrancaram do operário o ambiente onde ele tinha a impressão da sua liberdade, subordinando-o ao automatismo aviltante de uma engrenagem social em que ele deixa de ser o «sujeito» para ser simplesmente o «objecto», acaso terão pensado que esse pobre ente humano possui além do estômago um coração?

É possível socializar os meios de produção; nacionalizar toda a máquina económica de um povo; distribuir alimentos por meio de coupons, burocratizando todos os movimentos humanos. Mas o que nunca se tornará possível será, na hora da morte, ou na hora do sofrimento moral profundo, distribuir rações de afectos, bondade por coupons, conforto sentimental em pacotinhos como se as coisas do espírito pertencessem ao Estado.

Porque os afectos delicados e as consolações profundas, o Homem só encontra na Família.

EPICURISTAS E ESTÓICOS

(1934)

O que distingue a liberal-democracia como aspecto de civilização é a co-existência de dois pensamentos filosóficos, ambos materialistas, ambos presos aos dias remotos da antiga Grécia.

A liberal-democracia é, ao mesmo tempo, «estóica» e «epicurista».

Em última análise, toda a obra dos pensadores e filósofos anteriores à Revolução Francesa, está impregnada dessas duas orientações do naturalismo helénico. Ambas negadoras do Espírito, ambas ateístas.

A subordinação às chamadas leis naturais informa toda a cultura política moderna. Desde o optimismo de Locke e da apologia do «homem natural» de J. J. Rousseau, até às mais recentes doutrinas sociais, a ausência de um «fim moral», teve como consequência a generalização de um

PLÍNIO SALGADO

epicurismo baseado nos apetites do indivíduo e na liberdade licenciosa.

A filosofia do êxito, traduzida no pragmatismo inspirador da pedagogia e das realizações pessoais, não passa, examinada a fundo, de uma tradução actualizada da filosofia do prazer, ensinada pelo velho Epicuro.

*

*

*

Ora, uma sociedade epicurista, materialista, gozadora individualista, libertária, como poderia conceber o governo?

Evidentemente que, pesando a concha da balança para o lado da sociedade, eleva-se a outra, que está do lado do poder público. Às áreas de excessivas liberdades facultadas ao individualismo correspondem restrições de âmbitos de acção para os governos.

Daí o motivo por que, em matéria de Economia, o estudioso encontra, nítidas e paralelas, as duas orientações: ao Estado estóico, corresponde uma Sociedade epicurista.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

*

*

*

Quando Turgot destrói as corporações e com elas a estrutura moral e social das monarquias, esboça-se em matéria económica, o ressurgimento das velhas filosofias gregas. São os fisiocratas que localizam o organismo nacional segundo o mesmo critério experimentalista com que apreciavam o funcionamento dos órgãos do corpo humano.

A frase «laissez faire, laissez passer» define a atitude de indiferença do Estado diante das lutas sociais. O edifício da Economia Clássica repousa sobre os princípios que enclausuram o Estado tornando-o impotente e inerte.

Quem aprecia a nossa civilização burguesa, verifica que ela nos oferece um panorama de materialismo grosseiro, em que o prazer se torna a única finalidade. A escandalosa ostentação dos ricos, o luxo das classes abastadas, o esbanjamento dos milionários, o rumor das roletas e das taças de champanhe tilitantes, o esplendor pagão que caracteriza todas as manifestações sociais, mostram-nos que, apesar de uma protocolar exte-
028

PLÍNIO SALGADO

ridade cristã, o que predomina, no fundo das famílias, é o epicurismo, a filosofia do prazer que Epicuro ensinou há tantos séculos na Grécia naturalista.

A esse desbragamento, os governos assistem de braços cruzados, porque os governos adoptam a filosofia da indiferença, a doutrina pregada pelo velho Zenon, e que tanto sucesso fez na época da decadência de Roma.

*

*

*

O estoicismo é realmente a filosofia da decadência. Quando o Império Latino se esboroa, a cidade dos Césares está cheia de estóicos. Um dia os bárbaros passarão a cavalo pelas ruas de Roma, obrigando os senadores a assistir ao desfile dos seus carros de vitória. Hirtos, sentados em suas cadeiras, com suas longas togas impecáveis, os varões ilustres contemplarão a apoteose da marcha inimiga. Não terão um rictus de dor, porque aprenderam a resistir; marmóreos e gelados, a todos os sofrimentos.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Hoje, os governos conservam-se na mesma atitude do senado romano no crepúsculo do Império. Incapazes de agir, armam-se dessa indiferença de cadáveres diante da tremenda luta social.

Essa luta está aberta em todos os países.

AS DUAS FACES DE SATANÁS

(1935)

O comunismo não é uma causa: é um sintoma. O mal não é o comunismo em si, porém as causas que geram o comunismo.

O comunismo, por conseguinte, não se esmaga com violências, com opressões, com fuzilamentos; acaba-se com a extinção das fontes de onde provém.

É preciso encararmos o comunismo sob os dois aspectos pelos quais ele se apresenta: o intelectual e o moral.

Sob o aspecto intelectual, só pode ser combatido eficientemente pela crítica, pelas ideias, no livro, na tribuna, na imprensa. Sob o aspecto moral, só pode ser combatido pelas medidas que melhorem as condições de existência do povo e pelos exemplos de virtude dos dirigentes da sociedade.

PLÍNIO SALGADO

*

*

*

Onde estão as fontes do comunismo?

No materialismo burguês.

Com que autoridade moral um materialista pode declarar-se inimigo do comunismo? A sua atitude reaccionária só consegue irritar os humildes, os pobres. O seu ódio anima o ódio dos contaminados pelo bolchevismo. Os seus impulsos violentos não fazem mais do que acender as cóleras da multidão.

É muito comum hoje em dia ouvir-se o burguês dizer: «Qual nada! O que o Governo devia fazer era acabar a ferro e fogo esses comunistas!»

Olha-se para o burguês. Está bem vestido, com o charuto na boca. Acaba de sair do Clube onde levou duas horas a almoçar numa roda elegante. Daqui a pouco, vai ter um encontro com uma mulher que não é a sua. Esta manhã esteve na praia, semi-nu, dando pasto aos olhos nas arredondadas formas das frinéas familiares que, por sua vez, não perdem a missa mas acham natural o nudismo. O burguês tem uma renda farta.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Vive à tripa-forra. Sabe casos de adultérios e distrai-se também no esporte dos galanteios reles. E tem muita raiva aos comunistas. «Oh!» — exclama horrorizado — «o governo devia fuzilar essa caterva!»

O nosso homem vota profundo desprezo pelos humildes. Essa gente, para ele, não passa de animais que cheiram a cebola e a suor. Grita com os inferiores, maltrata os que estão por baixo da sua imensa categoria. Detesta o convívio dos homenzinhos, da gentinha, dos estudantes pobres, dos caixeiros, dos suados operários e camponeses, do soldado que, afinal, mantém a ordem em que o burguês floresce. E se alguém diz à sua adiposa personalidade que há rumores de descontentamento na massa, retruca logo o esplêndido gozador: «É meter cavalaria e bastonadas!»

*

*

*

Não: o comunismo não se combate assim; o burguês está enganado. O comunismo é apenas um sintoma das consequências desse meteria-

PLÍNIO SALGADO

lismo grosseiro de que o burguês é a fonte principal.

O operário não quer mais acreditar em Deus? Mas quem foi que ensinou o operário a negar a Deus? Foi o burguês, que acha a religião muito boa apenas para os velhos, os proletários, as mulheres e as crianças.

O nédio usufrutuário da ordem é ateu, não respeita a sacralidade da família nem liga importância à ideia da Pátria. Leva uma vida de macaco, só pensando em prazeres. As suas preocupações dominantes são o alfaiate, a *garçonnière*, o clube, o pano verde, a esperteza nos negócios, as paixões criminosas.

Convém, para ele, que o operário seja religioso, porque assim não o incomoda com rebeliões e desesperos. Convém que a esposa também o seja, porque assim se conforma com as suas atitudes de galo velho ou leão da Avenida. Convém que as crianças também o sejam, para não darem trabalho com desobediências.

É assim o burguês. Para ele, a Pátria não são os milhões de compatriotas solidários na comunidade das tradições e aspirações nacionais, porém os soldados que lhe vigiam a casa, os agentes de segu-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

rança e investigadores que lhe fazem o sono tranquilo na doçura dos lençóis de cambraia. Ele não serve a Pátria, é a Pátria quem o serve. A Nação é um guarda-nocturno que lhe lambe as gorgetas pela via dos impostos para as festas embandeiradas com hinos e salvas de peça. Não a defende, pois. Deixa essa incumbência ao Exército, à Polícia, ao Governo. «Para isso pago os impostos», diz; e não dá um passo.

No íntimo, o burguês materialista está convencido de que o Governo e as Forças Armadas existem para que ele, em plena segurança, possa conquistar e desonrar a filha do operário; possa mudar de mulher como quem muda de camisa; possa refastelar-se no seu pijama de seda; possa atropelar com o seu automóvel o mísero velhinho ou a inocente criança que tiveram a petulância de atravessar em frente da sua máquina possante e reluzente. Mas, se abre a boca para expender ideias, esse admirável tipo do século XX propõe sempre o combate ao comunismo.

Como se engana! Para combater o comunismo impõe-se combater, em primeiro lugar, o materialismo, o ateísmo, o sensualismo, a grosseria dos sentimentos, a expansão desenfreada dos instintos.

PLÍNIO SALGADO

*

*

*

Pois se o operário olha para o burguês e vê que ele, em todas as suas atitudes, proclama que a vida do homem acaba neste mundo; e se o burguês — para o operário — é o homem que sabe, que leu, que estudou; e se é com ele que o operário aprende, — é lógico que o operário fique sendo materialista, e deseje também ser um bruto, um gozador, e como não tem recursos, adere a uma doutrina que lhe diz: «O céu e o inferno são aqui mesmo, tratemos pois de gozar a vida!»

A filha do operário, que se prostitui levada no carro elegante do burguesote, foi seduzida primeiro pelo luxo da burguesinha e pela opulência da burguesona. Os homens brutais, que premeditam o assalto às famílias para saciar a sua lascívia, não fazem mais do que imitar de modo violento o rico homem que assaltou habilidosamente a casa do pobre, roubando-lhe a mulher ou desencaminhando-lhe a filha.

É que o proletário é uma obra do burguês.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O pobre faz-se à imagem e semelhança do rico. Depois, a criatura revolta-se contra o seu próprio criador; nada mais lógico, porque o burguês também se revoltou contra Deus.

O burguês é violento? O operário também o será. O burguês é lascivo? O operário copiar-lhe-á a vida. O burguês é comodista, indiferente à Pátria? O operário também afirmará que a Pátria é o estômago.

O burguês é cosmopolita? O operário é internacionalista. No fundo são a mesma coisa.

Se o comunista prega o amor livre, o burguês, de há muito vive em poligamia. Se o comunismo prega a destruição das religiões, o burguês, de há muito caça de tudo o que é religião.

O comunismo quer matar, trucidar? Mas o burguês também exige fuzilamentos e ceva-se no ódio político.

As massas desordenadas não têm pena das famílias dos burgueses? E os burgueses terão pena das famílias dos operários?

É preciso dizer, tanto ao rico como ao pobre esta palavra dura, que irrita e queima, que desvenda porém os segredos das desgraças actuais em todo o Orbe terrestre:

PLÍNIO SALGADO

— Homens, abrandai vosso coração de pedra, aplacai os vossos instintos, erguei vosso pensamento para Deus, porque estais loucos!

*

*

*

Satanás afivela sempre duas máscaras: a máscara da dor e a máscara do prazer.

Quando o homem sofre, Satanás é a revolta, o desespero; quando o homem goza, Satanás é a voluptuosidade, a luxúria.

Satanás veste os andrajos da miséria para sacudir os punhos fechados na saudação bolchevista.

Porém Satanás veste seda e enfeita-se de joias para sorrir com indiferença e desprezo sobre o sofrimento dos humildes.

Satanás é o comunista que assassina e massacra. E Satanás é também o homem rico e feliz que nada faz para evitar a morte de multidões de pobres, mal alimentados e desamparados de qualquer conforto físico ou espiritual.

Satanás é a revolta das hetairas nos prostíbulos. E é também a alegria triunfante dos «flirts» adúlteros nas rodas da elegância.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

E se lestes ou ouvistes estas minhas palavras, o vosso crime é dobrado, pois não podereis alegar ao supremo Julgador das vossas acções que não appareceu alguém que vos lançasse, por vos amar, e muito, estas verdades ao vosso rosto.

Satanás apoderou-se de vós, burgueses, como se apoderou de muitos proletários. Entrou nas oficinas, nas fábricas, nos campos, nas casas humildes dos bairros tristes, levantando o pendão do ódio; mas antes disso já havia entrado e brilhado nos vossos salões, semeando frases elegantes e costumes fáceis.

Urge que vos transformeis, homens do meu tempo, ricos e pobres.

CARTA DE NATAL

(1935)

ESCREVO na tarde de 25 de Dezembro, ainda sob a impressão da festa do Natal. É a minha epístola de Natal. Ela procura inspirar-se na lição eterna que vive e palpita na história milenar dessa Vida Divina desabrochada como estranha flor no estábulo de Belém, à luz misteriosa da estrela que guiou os pastores da Judeia e os remotos príncipes caldeus.

Na madrugada de ontem, meditando sobre o movimento político-social que criei no Brasil, senti-me apreensivo. Examinei a minha criação e inquietei-me.

Não temo os inimigos nem as adversidades, porém temo os meus próprios adeptos. Porque eles, na exaltação revolucionária, poderão perder aquilo que mais procuramos, aquilo que é fundamento do nosso ideal: a consciência de nós mesmos. E, perdendo a consciência de si mesmos, perderão o conceito da autoridade, como eu a

PLÍNIO SALGADO

quero, e a concepção do Chefe, como é necessária a uma Nação Cristã.

Neste dia do Natal, volto-me para o Cristo, cuja lição resplandece nas páginas da sua Vida, pedindo-lhe, de todo o coração, que não nos deixe afastar do conceito exacto da personalidade, da concepção humana da existência, do equilíbrio no lineamento do Estado, da Sociedade, da Família e do Homem.

*

*

*

Todo o erro dos séculos que nos precederam foi o da deturpação da personalidade humana. Uns, quizeram fazê-la tão livre, como Rousseau, que a tornaram escrava dos instintos. Alguns pretenderam fazê-la tão material e mecânica, segundo Carl Marx, que a tornaram escrava da Colectividade e, em seguida, escrava de alguns dirigentes da massa colectiva. Outros, tornaram-na tão desencantada das belas e amáveis coisas da vida, que a defumaram, como Anatole, na salmoura da ironia. Muitos, interpretando-a segundo os profundos *spleens*, biliosas amarguras e surdas revoltas,

MADRUGADA DO ESPÍRITO

engendraram, como Byron, a desdenhosa figura de Childe Harold, ou os rancores de Leopardi, ou o «De profundis» de Wilde. Outros, ainda, pretenderam, em contraposição à pulverização marxista, às medianias demo-liberais de Rousseau, ao gosto de fel da existência segundo Schopenhauer, engendrar — em suprema revolta contra a mediocridade — a máxima exaltação da personalidade: é o caso das fantasias delirantes de Nietzsche com o seu Super-Homem.

Esses erros da concepção do Homem reflectiram, como era fatal, na concepção da Família, da Sociedade e do Estado. E produziram seus maléficos efeitos arrastando o Mundo às desastrosas consequências dos dias atormentados que vivemos.

Aquilo mesmo que aparece aos olhos de uma humanidade atónita, como uma reacção aos cataclismos morais contemporâneos, traz, muitas vezes, no fundo, a essência de uma das numerosas expressões do erro que solapou os fundamentos cristãos da sociedade.

É o caso da perigosa tendência pagã do hitle-rismo, que hoje se desenvolve na Alemanha e que deve impressionar, fundamente, a consciência espiritual dos povos.

*

*

*

A guerra às religiões em «estado latente», como observa Tristão de Ataíde, prestes a passar ao «estado patente», como acentua aquele escritor católico, é uma consequência natural do misticismo que ali se criou, sem base religiosa, isto é, misturando duas manifestações humanas diferentes no âmbito restrito do Estado. É a própria concepção do Estado Totalitário, no seu máximo exagero, no estilo de César: Chefe Militar, Chefe Civil e Pontífice.

É o erro de Luís XIV, que se transportou à apoteose napoleónica, resplandeceu na filosofia anti-cristã de Nietzsche, hauriu energias desde os tempos de Frederico II até Bismarck, fundiu-se no espírito da massa na fornalha da Grande Guerra e traduziu-se na mística racista, no paganismo que, em pleno século XX, arranca das cinzas do Passado, para actualizá-lo, o drama de Juliano o Apóstata.

Já não é a volta de Júpiter Olímpico, dos deuses meridionais; é, porém, a volta de Odim e dos

MADRUGADA DO ESPÍRITO

deuses que, desde as músicas clamantes do Oiro do Reno, Wagner vê no alto da montanha.

*

* *

Chegará a Alemanha a essas loucuras? Não o sabemos. Apenas verificamos as consequências de um misticismo transportado do campo religioso, de onde nunca deveria sair, para o campo das actividades políticas; a concepção do Chefe como um homem diferente dos outros, um semi-deus, a encarnação de Odín, e a concepção dos seus adeptos como seres inumanos, super-religiosos, porém, sem um fundamento cristão de realidade e objectividade, ultrapassaram a linha hipócrita do velho puritanismo, atingindo o outro extremo, onde a explosão de todos os recalques, acaba manifestando-se como negação da própria virtude que proclamam.

*

* *

Nesta hora tormentosa do Mundo, e neste momento de tantas angústias para o meu Brasil, sinto a minha responsabilidade grave e procuro

PLÍNIO SALGADO

falar menos como agitador, que tive necessidade de ser para despertar a Pátria, do que como um construtor, um doutrinador que procura dar sólidos fundamentos à Nacionalidade.

Volto-me para a única «fonte de água viva», para a «luz do mundo», para Aquele que vivendo como um Deus a vida que só um Deus pode viver, ensinou aos homens a viver a vida dos homens e deu-lhes o senso profundo da harmonia de que nos temos afastado tanto porque de há muito perdemos o conceito exacto, linear, perfeito, da personalidade humana.

Perdendo o sentido humano da existência, temos perdido, consequentemente, o sentido da nossa finalidade. Temos misturado tudo, temos deturpado tudo, temos estabelecido uma tal confusão de valores, de deveres, de tarefas próprias a cada um, de modelos de vida, que nos arriscamos todos os dias a opor aos erros presentes o remédio consubstanciado em novos erros.

Nesse estado de espírito em que o Mundo se encontra, é na lição de Cristo que poderemos encontrar a verdadeira linha do Estado, da Sociedade, da Família e do Homem, segundo suas

MADRUGADA DO ESPÍRITO

finalidades próprias, seus limites próprios, sua própria essência.

O Integralismo não quer construir o Estado Totalitário, mas sim, construir o Estado Integral, o Estado Harmonioso, o Estado Imutável na sua essência e mudável na marcha revolucionária que lhe impõe os deveres do Espírito e lhe faculta o livre-arbítrio do Espírito, que nele se reflecte.

Distinguimos o campo religioso da área política. Concebemos a autoridade, não segundo o furor místico, exacerbado, doentio dos adeptos em torno do Chefe, porém como em princípio de manutenção das estruturas orgânicas da sociedade. É no Divino Mestre que encontramos a lição admirável: a César o que é de César, a Deus o que é de Deus; sim, porque César é um homem, ainda que os romanos possam acreditar na sua divindade.

Daí tiramos o conceito do Estado, os limites da sua área de acção, a natureza da sua missão. Porque a missão do Estado não é a de Cristo, cujo reino «não é deste mundo», porque o reino do Estado, como o império de César, é, exactamente, e sòmente, deste mundo.

Sendo o reino de César e do Estado, deste

PLÍNIO SALGADO

mundo, isso não significa que César e o Estado se desinteressem pelo reino de Cristo, porque o reino de Cristo é também para os homens, e César tem deveres espirituais como homem, como tem direitos como Chefe do Estado. Os direitos de César, nos limites do seu Império, são exclusivos, e tão exclusivos, que o próprio Cristo os reconhece e neles não interfere.

É claro que César não deverá passar os limites do seu Império. Quais são esses limites? Os do respeito à personalidade humana, ao livre arbítrio, pois este já pertence ao reino de Cristo. E por isso, jamais César poderá penetrar os umbrais da consciência de seus dirigidos, como estes jamais poderão transpor os arcanos da consciência de César, pois no fundo da consciência o Homem pertence exclusivamente ao reino de Deus. Por isso, jamais César poderá plasmar essa consciência em seus dirigidos, conforme seus próprios desejos, como também os seus dirigidos não poderão plasmar a consciência de César, pois ele, no fundo, é também humano, simples vassalo do reino de Deus, e só ele deve saber a maneira de melhor cumprir os seus deveres como vassalo.

O povo não pode ser uma criação de César,

MADRUGADA DO ESPÍRITO

nem César uma criação do povo. Seria usurpar direitos que só pertencem a Deus. E toda a vez que César quer criar o Povo, fabrica um monstro; e toda a vez que o Povo quer criar César engendra um Anti-Cristo ⁽¹⁾.

*

* *

Daí o senso realista do Integralismo. Tem de tomar a massa na sua verdade histórica e tem de considerar os grupos naturais: a Família, a Corporação económica e cultural, a Nação, conforme suas essências próprias e segundo princípios eternos.

O conceito cristão da vida deve ser o dos equilíbrios perfeitos. É preciso conhecer o Homem, a argila de que é feito, a sua finalidade superior, a sua missão na terra, os seus sentimentos, a invulnerabilidade da sua consciência, para se poder organizar o Estado isento das deturpações que lhe

(¹) Os três últimos parágrafos deste sub-capítulo, o Autor considerou-os de tal importância como síntese do seu pensamento político, que, cinco anos depois, ao escrever a «Vida de Jesus», incluiu-os nessa obra, por desejar que figurassem não apenas como doutrina política, mas até mesmo religiosa.

PLÍNIO SALGADO

poderiam trazer a mística estatal, a adoração de César, o absolutismo do Génio, o sentido exagerado das exaltações revolucionárias.

*

*

*

É preciso construir um Estado para homens e segundo as necessidades dos homens, segundo as suas finalidades, a sua natureza os seus direitos, os seus deveres, a sua função e as suas aspirações justas. E que o Estado e a Nação, César e o Povo, sejam recíprocos espelhos onde possam contemplar suas recíprocas virtudes e seus mútuos sonhos de grandeza e de felicidade.

CONCEPÇÃO INTEGRALISTA
DO TRABALHO

(1936)

NADA mais digno, nada mais belo nem mais glorioso, do que o Trabalho; nada mais nobre, mais significativo no plano do Universo, do que o Trabalhador.

O Trabalho não é apenas uma necessidade, porque é uma condição de harmonia universal. Energia, no plano divino, conduz os astros e desperta as primaveras. Energia, no plano humano, conduz as Nacionalidades e suscita as Civilizações.

Essência da própria matéria, a força é o Trabalho, obedecendo no mundo físico à vontade consciente, ordenadora de Deus. Elemento fundamental do aperfeiçoamento humano, a energia da inteligência e dos músculos é também Trabalho, obedecendo, no mundo social, à vontade consciente do Homem, orientada pelo livre-arbítrio, supremo dom que o Criador outorgou à criatura humana.

PLÍNIO SALGADO

O Trabalho não é o «mais valor» de Marx. Porque o Trabalho é o valor único, o valor que não deve conhecer contraste, numa concepção espiritualista da vida, da sociedade e do Estado.

O Trabalho não é um direito, porque é um dever. Como direito, escraviza; como dever eleva-se e liberta-se.

Como direito, o Trabalho mendiga diante dos Poderosos; como dever fortalece-se e impõe-se, salvando-se dos exploradores e tomando dentro da Nação o lugar mais alto e mais digno.

*

*

*

O Trabalho não pode ser o objecto de exploração do Capitalismo, nem o objecto de escravidão do comunismo. O Trabalho não pode ser o beneficiário da munificência e altruísmo do Estado; porque o Trabalho deve constituir a própria razão de ser da existência dos Governos, a fonte da soberania nacional, a inspiração da justiça, o imperativo que cria os deveres dos dirigentes, em face de um dever humano que decorre de uma lei natural.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O Trabalho não é antagonista do Capital, desde que o Capital se conserve nos limites justos do conceito cristão da propriedade. Pois o Capital é uma condensação do próprio Trabalho, uma soma de energias concretizadas num potencial económico. Nestas condições, não compreendemos que o Trabalho seja, nem antagonista, adversário, inimigo do Capital, e nem tão pouco, que o Trabalho e Capital devam harmonizar-se, no sentido que esta palavra adquiriu na técnica verbal dos teóricos burgueses. Só se harmonizam elementos «diferentes», coisas distintas; ora, não se pode estabelecer distinção entre Capital e Trabalho (desde que se conservem nas linhas justas do conceito cristão) uma vez que um e outro representam a mesma coisa, em circunstâncias diversas.

A água não deixa de ser água, quer esteja em estado de vapor, quer se apresente em forma de líquido, quer nos apareça nos blocos sólidos do gelo.

O comunismo pretende solucionar o problema económico-social, como alguém que quisesse que todos os gelos e todos os vapores do mundo se liquefizessem, ou todos os líquidos se solidificassem ou se vaporizassem.

PLÍNIO SALGADO

O capitalismo quer manter distinções fundamentais entre a soma de *Trabalho acumulado*, de *Trabalho em eficiência* e de *Trabalho em potencial*.

*

*

*

Cumprе considerar o Trabalho como elemento único, apresentando-se em expressões diferentes. Na diversidade dos aspectos, a unidade absoluta da energia humana. Consideramos Trabalho, o Capital; consideramos Trabalho, o esforço e realização diária das eficiências humanas em ritmo de criação; e consideramos, ainda, Trabalho, a energia, a capacidade em potencial que se encontra em estado latente no cérebro e nos músculos daqueles que uma organização social errada conserva em disponibilidade.

Trabalho acumulado (Capital); Trabalho em acção criadora (mão de obra); e Trabalho em disponibilidade (desempregados); o Estado deve por todas estas formas zelar, submetendo-as, não a uma finalidade própria do Estado, mas aos supremos interesses que essa finalidade objectiva: o equilíbrio social e a felicidade humana.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

*

*

*

O Trabalho, elemento essencial, único, das manifestações da vida do indivíduo, da família, do grupo profissional, da sociedade, do Estado e da Humanidade, nós o consideramos, ao mesmo tempo, como *sujeito* e como *objecto*. O Trabalho é sujeito, quando o encaramos como força propulsora da Economia e fonte originária do Estado; O Trabalho é *objecto*, quando o tomamos como energia, cujo desenvolvimento deve submeter-se à moral humana e ao espírito de justiça e de equilíbrio que o Estado encarna.

Pois o Estado existe em razão do Trabalho. Se os homens estivessem parados, sem nada fazer, não haveria necessidade do Estado para garantir os direitos do Trabalhador e da sua Família, numa palavra, os direitos da pessoa humana em acção, em movimento afirmativo e criador. Sendo o Trabalho um dever humano, espiritualiza-se, eleva-se de tal forma, que exige garantias, as quais são asseguradas pela Força do Estado. O Estado, pois, seria supérfluo, se o Trabalho não existisse. Exis-

tindo o Trabalho como dever, ele moraliza o direito do trabalhador. Moralizando esse direito, exige uma execução de normas éticas. Exigindo essa execução, engendra o conceito de Estado. O Estado, em última análise, é uma manifestação jurídica de Trabalho. O Trabalho, examinada a questão a fundo, é a fonte de todos os direitos públicos e privados, porque o direito, sendo um conceito de equilíbrio inspirado na moralidade, só poderia ter origem num dever que oferece as normas seguras da moralidade.

O Trabalho procede de um alto pensamento espiritual. Essa a razão porque combatemos o capitalismo, que se inspirou no materialismo, na negação de Deus e do Espírito, para justificar a sua tirania e opressão sobre os trabalhadores. Essa a razão também por que combatemos o comunismo, pois este aceitou o conceito materialista do Trabalho, segundo ensinou a burguesia capitalista, e engendrou um antagonismo que, em última análise, nega a essência natural do Trabalho.

O Trabalho, para nós, espiritualistas e cristãos, é a fonte do espírito de justiça, da inspiração política e dos anseios de liberdade humana.

ESTADO TOTALITÁRIO E ESTADO
INTEGRAL

(1936)

OS integralistas querem o Estado Totalitário?
— Não; os integralistas querem o Estado Integral.

— O Estado Totalitário não é a mesma coisa que o Estado Integral?

— Não. O Estado Totalitário tem uma finalidade em si próprio; absorve todas as expressões nacionais e sociais, económicas, culturais e religiosas; subordina a «pessoa humana» e os grupos naturais ao seu império. O Estado Integral, ao contrário, não tem uma finalidade em si próprio; não absorve as expressões nacionais e sociais, económicas, culturais e religiosas; não subordina a «pessoa humana» e os grupos naturais ao seu império; o que ele objectiva, é a harmonia entre todas essas expressões, a intangibilidade da «pessoa humana».

— Por que motivo os integralistas não querem o Estado Totalitário?

PLÍNIO SALGADO

— Os integralistas não querem o Estado Totalitário, porque os integralistas adoptam uma filosofia totalista, isto é, têm do mundo uma concepção totalitária.

— Não há uma contradição nisso? Se os integralistas concebem o universo de um ponto de vista totalitário, como é que não concebem o Estado da mesma maneira?

— Os integralistas são lógicos, tendo uma concepção totalitária do mundo e uma concepção não totalitária do Estado. É evidente que, sendo o Estado uma das expressões do mundo, se este é considerado em seu conjunto, o Estado tem de ser considerado como uma «parte» do conjunto. Se adoptarmos o Estado Totalitário, então é que ficamos em contradição, fazendo uma «parte» absorver as outras partes.

— Mas um jornalista escreveu, há dias, que os integralistas ensinam uma doutrina confusa, porquanto o Estado Forte, o Estado Leviathan de Hobbes compreende a absorpção de todos os elementos sociais pela autoridade estatal... Como respondem os integralistas?

— O jornalista ouviu falar em Hobbes, sem ter a menor noção do assunto. Basta dizer que

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Hobbes é um materialista, um naturalista, ao passo que nós somos espiritualistas. A conclusão a que Hobbes chegava, era a de que o homem não presta, é inclinado aos vícios e à maldade e, por conseguinte, a sociedade tinha de ser governada com pulso de ferro, por um Estado absorvente de todas as liberdades, impondo a disciplina pela Força. Esse é o Estado «Leviathan» hipertrofiado e gigantesco. Ao contrário de Hobbes, um outro filósofo chamado Locke, também materialista, também naturalista, pensava que o homem é bom, que as leis, o arbítrio do Estado é que o tornam mau. Baseado no mesmo materialismo experimental de Hobbes, chegava Locke à conclusão de que cumpria dar a máxima liberdade aos indivíduos, competindo ao Estado assegurar essa máxima liberdade. Bastava isso para que tudo corresse no melhor dos mundos.

Também J. J. Rousseau foi da mesma opinião de Locke. O «homem natural» de Rousseau exprime todo o seu pensamento político. O curioso nisto tudo é que, partindo de um mesmo princípio (o naturalismo) Hobbes separa-se de Locke, porém ambos vão encontrar-se nas últimas consequências do Estado Liberal, isto é, no comunismo

bolchevista, no estado socialista, que destrói toda a personalidade humana, os grupos naturais, a liberdade. Tanto Hobbes como Locke e Rousseau, são «unilaterais». O primeiro considera o Estado e pretende fortalecê-lo contra o indivíduo. O segundo considera o indivíduo e pretende armá-lo contra o Estado. Nós, integralistas, consideramos a autoridade do Estado como uma força mantenedora do equilíbrio, de harmonia, dentro das quais gravitarão inter-independentes e sem choques, os grupos naturais e a personalidade humana. A «autoridade do Estado», para nós, integralistas, não é «Superior» nem «Inferior» aos outros «valores» sociais e nacionais («Família», «Corporação» e «Município»; «Cultura», «Economia» e «Religião»). Trata-se de um «valor» diferente, de um elemento de natureza diversa que entra na composição das harmonias sociais e humanas. Mantendo íntegras cada uma dessas expressões humanas, o Estado integral também a si próprio se mantém íntegro; não entrará nos domínios próprios de cada uma dessas expressões humanas («Família», «Corporação» e «Município»; «Cultura», «Economia» ou «Religião»).

A missão do Estado Integral é manter equilí-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

brios, sustentar as harmonias sociais. Com esse objectivo, reivindica para si todas as prerrogativas que lhe foram arrancadas e lhe são inerentes mas nem por isso fere os legítimos direitos de cada um dos factores humanos constitutivos do conjunto nacional.

— Um Estado Forte não é um Estado Totalitário?

— Não. Um Estado Forte é aquele cuja autoridade moral se fortalece pelo respeito que esse mesmo Estado vota à intangibilidade da «pessoa humana» e de todas as suas expressões grupais ou sociais. O Estado Totalitário seria o Estado Arbitrário. O Estado Integral é o Estado de Direito, o Estado Mediador, o Estado Ético, conforme um princípio espiritualista cristão.

— O Estado Integral é um Estado Forte?

— É o único Estado Forte, justamente porque não é arbitrário, nem absorvente, nem anulador de legítimas liberdades.

— Como consegue o Estado Integral ser forte?

— Criando a consciência das «diferenciações» dos grupos humanos e das expressões sociais que passam a gravitar harmoniosamente no sentido do bem comum, cada qual com sua pró-

pria natureza, sua própria função, seus próprios objectivos. O Estado, por sua vez, penetra-se dessa consciência da sua natureza, da sua função e dos seus objectivos. Princípios imutáveis fixam os limites de acção de cada pessoa e de cada grupo, assim como de cada expressão humana (Cultura, Economia, Religião). O Estado fortalece-se guardando os seus próprios limites e defendendo e sustentando as suas prerrogativas.

— Como se entendem as prerrogativas do Estado?

— Entendem-se não como direitos, porém como deveres.

— O mesmo jornalista acusou o Integralismo de não agir violentamente, para atingir o Poder; outros apontam o Integralismo como doutrina filiada ao fascismo e procuram demonstrar ser este um adepto de Sorel, tanto quanto o comunismo. Que respondem a essas coisas os integralistas?

— O Integralismo não tem agido pela violência justamente porque nada tem que ver com Sorel. O autor das «Reflexões sobre a Violência» é materialista, evolucionista, darwiniano. Toda a sua doutrina é baseada no «struggle for life», a tal ponto que preconiza, como etapa indispen-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

sável da luta de classe, o fortalecimento da burguesia. Como Marx, que é naturalista e continuador dos economistas liberais, Sorel aceita, integralmente, os mesmos princípios que já estavam em Hobbes, em Locke, em Rousseau. Só o facto de nós sermos espiritualistas evidencia que não somos soreleanos, que não adoptamos a teoria da violência, pois seria a negação da nossa doutrina. A nossa doutrina, a respeito do emprego da força é clara e não admite dúvida. Em princípio, condenamos toda e qualquer sedição; todas as conspirações, todos os golpes de mão; respeitamos a autoridade constituída; esse respeito irá até ao dia em que a referida autoridade já não puder manter o próprio princípio da sua autoridade e já não tiver meios de fazer a Lei, a Constituição serem cumpridas. Se isso acontecer, se praticamente não existir mais autoridade, então será em obediência ao próprio princípio da autoridade que os integralistas terão o dever de usar da força, caso disponham dela, para evitar desgraças maiores, como a implantação do comunismo ou uma situação de anarquia. Essa doutrina é a própria doutrina da Ordem no que ela tem de mais profundo. Ora, dentro desses princípios, respeitando as leis e as

PLÍNIO SALGADO

autoridades do país, não somos incoerentes e, sim, afirmamos a nossa coerência e a nossa dignidade de pensamento.

— O Integralismo brasileiro não é, então, anti-democrático?

— Não; o Estado Integral quer restaurar a democracia que já não existe no Brasil. Não é um destruidor do regime, mas o criador de novos órgãos capazes de revitalizar um regime morto.

A LUZ AUSENTE

(1936)

ALGUMA coisa está ausente do mundo. Sim: o mundo está separado de alguma coisa. Há na sua tormenta, na agitação dos dias presentes, essa vaga inquietação indefinível, esse mal-estar que não se compreende bem. Referve no complexo universal o limbo de todos os desejos e as tendências de todas as exaltações. Uma super-excitação nervosa passa como calafrio sobre a superfície aflita da Terra.

E não se sabe ao certo se a Humanidade vive num crepúsculo, na indecisão das formas e das cores, na confusão de todos os aspectos, da hora melancólica do anoitecer; ou se já nestes anseios frementes vibra o anúncio de novas auroras.

No fundo de todas as angústias das Nacionalidades e das massas populares, o que é fora de dúvida é que se percebe um desequilíbrio, em ten-

PLÍNIO SALGADO

tativas supremas para uma recomposição de ritmos e de harmonias.

De que mal sofre o Mundo?

*

*

*

Para se compreender as surdas revoltas das multidões: para se penetrar na psicologia agitada dos governos; para se surpreender o lineamento preponderante de uma literatura de confusão, de uma filosofia de perplexidade, de uma política de desconfiança, de uma atitude de recíprocos rancores; para se procurar a incógnita do mundo contemporâneo, — não temos mais do que examinar o caso particular de cada um de nós, ou dos que nos rodeiam.

Então, logramos descobrir algo que nos esclarece o entendimento, como que uma suave mão guia o nosso raciocínio através das sombras. E o mistério da hora presente revela-se no mistério de cada drama pessoal.

O mundo está morrendo pela ausência do «espírito».

Ausência do «espírito»...

MADRUGADA DO ESPÍRITO

Como é fácil e, ao mesmo tempo, difícil compreender o que seja o «espírito»! É preciso ter uma noção integral da própria criatura humana. E a Humanidade de hoje perdeu completamente o senso da personalidade, o sentido das proporções e dos limites, a percepção da harmonia das formas, a intuição dos equilíbrios exactos, o sentimento das euforias perfeitas.

Como definir a alma, se todos se esqueceram dela, completamente, numa civilização em que só cultivou a matéria? Como entendê-la, se ela fala uma linguagem tão diversa do idioma falado por criaturas que fizeram da vaidade, da exibição, dos egoísmos mais torpes e dos orgulhos mais imbecis, toda a razão da sua vida?

Por que sofrem os povos todos os terrores recíprocos, nos dias que correm? Por que se agitam as classes, na luta tremenda? Por que se miram desconfiadas, as autoridades nacionais? Por que se aumentam os efectivos das polícias secretas? Por que se multiplicam tantos crimes? Por que estampam os jornais tantos escândalos? Por que se odeia tanto, se agride tanto, se luta diàriamente uma batalha soturna, trágica, sob as aparências das maneiras corteses?

PLÍNIO SALGADO

O mal cresceu e assombrou as Nações. Multiplicam-se as perversidades. Os fracos são esmagados pelos fortes. A violência é a lei geral, como é a lei particular.

*

*

*

Basta olhar para a sociedade actual, exhibicionista, fútil e preocupada exclusivamente com as coisas materiais. Essa sociedade sem delicadeza moral, sem capacidade de renúncia, sem finura, sem altitude; essa sociedade standardizada, joguete nas mãos dos exploradores e escravizadores internacionais; ela revela-nos todo um sentido deprimente de civilização desmoralizadora, em que decai, dia a dia, a dignidade da criatura humana.

Escrava de todos os instintos; faminta de todos os prazeres; submetida a todos os caprichos e exigências da moda, — a sociedade contemporânea vive a vida exclusiva dos impulsos, que são tão impetuosos ao ponto de desconhecerem todas as leis dos deveres, que são as eternas leis do Espírito.

Tal o que sucedeu nos fins do Império Romano, as preocupações do corpo dominam, hoje,

MADRUGADA DO ESPÍRITO

completamente, as preocupações da Alma. E, como era lógico, em vez de lucrar com isso o corpo, ele deprime-se, deforma-se, perde a euritmia sagrada que procede das geometrias maravilhosas do Espírito.

O corpo perdeu o prestígio; tornou-se a coisa vulgar, miserável, sem dignidade e sem beleza, artificioso nas suas expressões, incapaz de despertar o encanto das épocas de pudor e de recato. Livre do império da consciência, cata-vento de todas as irreflexões, entregou-se a todos os vícios, sob a capa de todas as liberdades.

E, quando se julgou livre, estava escravo. Essa escravização despertou em coro as vaidades sem freio. As vaidades açularam os egoísmos. Os egoísmos destruíram todas as estruturas dos deveres morais. E, destruídas as estruturas desses deveres, tivemos uma Humanidade rebaixada, cujos aspectos, na sociedade moderna, atingem os níveis inferiores das mais torpes animalidades.

*

*

*

Uma luta sem tréguas desencadeou-se sobre a Terra. Luta da criança contra os pais e mestres.

Luta da mulher à procura de uma ridícula emancipação que a torna mais escrava, mais miserável, mais deslocada do centro de interesses da Espécie e da própria Sociedade. Luta de empregados e patrões. Luta na concorrência comercial desenfreada. Luta dos partidos políticos. Luta de interesses inconfessáveis, em todos os sectores da actividade social. Luta dos orgulhos e susceptibilidades. Luta dos ódios implacáveis. Luta das desconfianças recíprocas. Luta das insubordinações e das rebeliões. Luta das insatisfações da matéria.

Essa tremenda batalha, que se surpreende no recesso dos lares, no recesso dos estabelecimentos comerciais, no interior dos quartéis, das repartições públicas, das escolas, e que se generaliza desde o armazém da esquina até ao grande «trust», e desde o drama passional dos arrabaldes, com suicídios e homicídios, até à tragédia dos conflitos monstros das masorcas e levantes, — essa tremenda batalha vai reflectir-se na vida internacional, e já não há possibilidade de se evitarem as guerras, as situações tensas entre os governos, a confusão universal e os terrores recíprocos das nacionalidades.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

*

*

*

Alguma coisa está ausente do mundo.....

Uma treva desceu sobre o género humano.....

Que remédio poderemos dar para que estas trevas se transformem na rútila aurora dos tempos novos?

Como poderemos invocar a Luz Ausente?

*

*

*

É preciso clamar pelo retorno do Espírito.

Que ele ilumine todas as coisas materiais. Que desça no desamparo da hora que passa. É a luz que desertou do mundo. Ou ela volta, ou nos lançamos na ruína e no apodrecimento.

Que Deus faça baixar sobre nós a Luz Ausente...

ARIEL E CALIBAN

(1936)

E SPÍRITO alado de Ariel, alma leve da luz, que é o perfume subtil dos altos sentimentos e energia vital das vontades ardentes, quem poderá compreender a sua origem misteriosa e o segredo da sua força imortal?

Pesado fardo de instintos, de desesperos, de dores, de revoltas, de aflições, corpo gigantesco de Caliban, quem, senão o Ariel poderá envolvê-lo, dominá-lo com o magnetismo das supremas energias e guiá-lo, como os que guiavam, na pista romana, as quadrigas frementes de brutalidades cegas?

Tudo o que é luta cruel, no bojo das massas, ou no recesso mesmo do Ser: conflagração de desejos e violências, de gritos da matéria em atrito consigo própria, de clamor de emoções e de estrupido de paixões arrebatadas; tudo o que ateia as batalhas tremendas dos grupos sociais entre si, dos partidos em guerra, dos homens em mútua

PLÍNIO SALGADO

desconfiança, das consciências em tormenta, que os contrastes dos conceitos e dos sentimentos incendeia: e tudo o que exprime, na brutalidade e na incompreensão, na inconsciência e na demência, a crueldade esmagadora, — tudo isso, o espírito imponderável, diáfano, irrevelável às interpretações grosseiras do Universo, toma, como quem toma um volume de argila, para plasmar eternos ritmos e supremas harmonias!

*

*

*

Esta nossa luta contra o Mal, é a revelação diária, hora a hora, minuto a minuto, do mistério de Ariel.

Ariel está vivo, está presente, actuando, agindo, conduzindo, está, cada vez mais, dominando.

Caliban agita-se, contorce-se; os seus músculos formidáveis retezam-se, a sua face estampa o rictus das revoltas surdas; as suas narinas ofegam; os seus nervos vibram; as suas veias entumecem; uma força tremenda se desencadeia dele.

Mas a voz de Ariel é límpida como as estrelas.
A vontade em Ariel é decisiva como um raio.

MADRUGADA DO ESPÍRITO

O sentimento de Ariel é harmonioso como a música das esferas.

E Ariel comanda. E Caliban obedece. E Ariel deseja. E Caliban executa. O fascínio de Ariel é o misterioso segredo da rota dos astros.



Ariel! Assim chamaremos à luz do nosso espírito, e a esta coisa misteriosa que nós mesmos não podemos decifrar, este «não sei quê», esta secreta vibração, este «quase nada», que em nós é *Tudo*, fonte de resistência aos sacrifícios, alegria da luta, auréola de combatentes.

Ariel! Ariel! Como esta palavra, à falta de outra que exprima o fenómeno da psicologia dos lutadores, a mística da Humanidade e da Pátria, a intuição das Coisas Eternas, exprime a majestade dos ritmos perenes sobre as efemeridades precárias!

Quando lutamos — não apenas contra o meio, contra as hordas dos maus, contra uma civilização, — mas face a face, connosco mesmos, como sentimos Ariel dominando Caliban!

PLÍNIO SALGADO

Caliban, então é a nossa tristeza, são as nossas amarguras, são as nossas incertezas, são as nossas cóleras fulmíneas, é a nossa melancolia que róí, o tédio que tenta desencantar-nos... É também, o peso dos íntimos sofrimentos, a trituração da alma nas horas aziagas, os desgostos de cada instante, os aborrecimentos de cada dia... É ainda a incapacidade para resistir a agruras comuns da existência, dores morais deprimentes, os sentimentalismos doentios que tentam paralizar a nossa marcha... Caliban são as insuficiências morais de cada um, revelando-se em impulsos arrebatados, em atitudes de egoísmo, em incapacidades de suportar, em açodamento, em precipitação, em imediatismo... Caliban vive no corpo da sociedade e vive dentro do sangue daqueles mesmos que pretendem dominá-lo.

*

*

*

Caliban é o espírito materialista do Século. Caliban é a negação de Deus. Caliban é a violência de Sorel e a opressão dos plutocratas, a lei do ódio dos comunistas, a grosseria de uma sociedade

MADRUGADA DO ESPÍRITO

governada pelo sexo e pelo estômago. Caliban é o imperialismo financeiro. Caliban são os golpes de Estado dos ambiciosos do Poder. Caliban é a bandeira dos instintos desfraldada contra a bandeira da alma.

Caliban é como os filhos de Tubalcain, que constroem hoje arranha-céus e expulsam Deus das cidades. Caliban é o sofisma científico, opondo-se à verdadeira ciência e às reais finalidades do homem. Caliban é o peso das consciências atormentadas pela escravidão dos instintos. Caliban é todo um sentido de civilização que resplandece nas coisas materiais e entenebrece o coração dos habitantes das metrópoles.

Caliban manda apagar as estrelas para acender *reclames* luminosos. Porque ele é também a concorrência comercial desenfreada e sem controle de nenhum Poder com base no Espírito e no equilíbrio humano. Caliban é a materialidade de um século, esmagando o Homem.

Devemos esmagar, destruir Caliban? Não; devemos dominá-lo. É a lição de Ariel. E Ariel é a força imortal que nos conduz.

Essa força é cada vez mais viva, quando se tira partido do sofrimento para que ela resplandeça.

PLÍNIO SALGADO

É preciso sofrimento. É preciso muita dor. Sobre a treva das angústias íntimas, das torturas que sobem ao coração e morrem nos lábios, das agônias em que nos debatemos com a superior elegância de um sorriso, nestes dias de fim de Civilização, que, em tudo e por tudo ferem e magoam os que são contemporâneos, não dos que os cercam, porém do Futuro, onde novas gerações os esperam; sobre as tremendas batalhas íntimas que só os loucos desconhecem nesta fase da História, — alvorece a estrela da manhã. É Ariel. Espírito alado, alma leve da luz. É Ariel, inspiração divina aos homens de boa vontade. Supremo dominador das contingências. Perpetuidade sobre as efemeridades. Sentido novo do mundo. Sopro imortal do Verbo.

*

*

*

Caliban é de chumbo. Tem a cor das tempestades no céu e no mar. Tem o peso dos corpos gigantescos. Tem a in-coordenação dos movimentos. Não conhece lógica. Não percebe os superiores ritmos das harmonias. É forte e poderoso, mas é estúpido e cego. Não conhece a palavra «cons-

MADRUGADA DO ESPÍRITO

trução», porque só aprendeu a palavra «destruição». Ignora a palavra «paz» porque só lhe ensinaram a palavra «ódio». Jamais ouviu falar em «perseverança», porque só age pela «inconstância». Ao raciocínio responde com o impulso. À ideia, responde com o insulto. Ao sentimento responde com a brutalidade. À delicadeza opõe a grosseria; à virtude, contradiz com o vício, a explosão dos instintos e a cegueira dos prazeres fúteis.

Ariel é de luz. Mais imponderável do que a luz. Mais luminoso do que a luz. Mais vivo. Mais ágil. Mais dominador.

Caliban é a vida em função da morte. Ariel é a vida em função da própria vida, eternizada pelo Espírito.

Dentro de cada criatura humana, como dentro de cada Nação, o destino de Caliban será o de ser dominado pela força de Ariel. Essa força não é material, mas governa as forças materiais. Essa força é aquela mesma que proveio, certamente, da Força das forças, da Energia das energias, e esteve antes das nebulosas, no infinito dos tempos, engendrando os espaços, antes, muito antes que a matéria clamasse na sua treva.

PLÍNIO SALGADO

Espírito de Ariel! Sentido de harmonias dos mistérios imortais! Ilumina a minha Pátria e a consciência dos nossos contemporâneos, para que compreendam o drama da hora que passa. Ilumina, principalmente, os que lutam contra as brutalidades de uma vida materialista num mundo sem Deus.

Caliban é uma força sem destino. É um pesado fardo sem endereço. É a força inconsequente e cega, surda e insensível. Toma essa força, Ariel, dá-lhe o supremo objectivo na glorificação do Espírito!

ÍNDICE

ÍNDICE

<i>O Autor ao Público</i>	9
<i>O mundo que prepara a catástrofe</i> (1931)	13
O esplendor do homem	16
O boneco de carne	17
O animal do «oitavo dia»	19
Humanidade mecânica	20
A besta do Apocalipse	21
Condenados e oprimidos	23
O útero metálico da máquina	24
Fala alguém na tormenta	25
<i>O outro lado do espírito</i> (1931)	27
<i>O século do jazz-band</i> (1931)	37
Fugindo à realidade	40
Horror à vida	41
Nietzsche e Freud	42
O governo despótico de Satanás	43
O homem já não tem coração	44
A «máquina de morar»	45
Irrracionalidade do homem moderno	46
Sob o signo do medo e da tristeza	47
<i>Marcha fúnebre</i> (1931)	51
A alma virada ao avesso	54
O homem tem medo de si próprio	55
Desapareceu o senso de equilíbrio	57

Eclipse da moralidade	58
As sombras cobrem a terra	60
<i>Sentido da tristeza e da alegria</i> (1931)	61
Decomposição da sociedade	65
Caminhando para o abismo	66
A salvação, porém, não é impossível	68
A felicidade está na vida cristã	69
<i>Gigantes da montanha e anões de Niebelungen</i> (1932)	73
Depois de Hegel	76
Contradições de Marx	78
O marxismo como crítica	83
O panorama burguês	85
O conformismo materialista	87
Gigantes de Nietzsche e pigmeus de Marx	88
<i>Capitalismo e comunismo</i> (1933)	91
Identidade de origens filosóficas	94
Identidade de origens económicas	100
Unidade de direcção no processo de desenvolvi- mento	103
<i>A revolução da família</i> (1934)	107
<i>Epicuristas e estóicos</i> (1934)	115
<i>As duas faces de Satanás</i> (1935)	123
<i>Carta de Natal</i> (1935)	135
<i>Concepção integralista do trabalho</i> (1936)	147
<i>Estado totalitário e Estado integral</i> (1936)	155
<i>A luz ausente</i> (1936)	165
<i>Ariel e Caliban</i> (1936)	175

Composto e impresso na
GRÁFICA SANTELMO
Rua de S. Bernardo, 84
Telefone 64206—LISBOA

CULTURA POLÍTICA

NÚMERO

11

- 12 — O Destino da Pátria Portu-
calense
de *Ernesto Gonçalves*
- 13 — Obrigações do Vassalo
do *Marquês de Penalva*
- 14 — O Novo Príncipe
de *Gama e Castro*
- 15 — Instituição da Nobreza
de *Domingos Mauricio, S. J.*
- 16 — A Traição Burguesa
de *Rolão Preto*
- 17 — O Racismo
de *F. E. de Tejada Spinola*
- 18 — Da Monarquia
de *Dante Alighieri*
- 19 — Idearium
de *GANIVET*
- 20 — Do Governo dos Príncipes
de *S.^{to} Tomás de Aquino*
- 21 — Os Povos e os Reis
de *Faustino José da Madre
de Deus*

A SEGUIR:

- A campanha da França
de *GOETHE*
- A República
de *Filipe Levray*
- As raízes históricas do Patria-
novismo
de *A. Veiga dos Santos*
- O burguês terá lugar no mundo
futuro?
de *Jean de Normandie*
- Os caracteres e benfeitorias da
República
de *Fernão da Ilha*